



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

JOÃO TEIXEIRA DOS SANTOS

PERFIL DA FORÇA DE TRABALHO INDUSTRIAL DA REGIÃO  
METROPOLITANA DE SALVADOR: ANÁLISE DOS PRINCIPAIS  
INDICADORES NOS ANOS DE 1996-1998 E 2006-2008.

SALVADOR

2008

JOÃO TEIXEIRA DOS SANTOS

PERFIL DA FORÇA DE TRABALHO INDUSTRIAL DA REGIÃO  
METROPOLITANA DE SALVADOR: ANÁLISE DOS PRINCIPAIS  
INDICADORES NOS ANOS DE 1996-1998 E 2006-2008.

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso  
de Ciências Econômicas da Universidade Federal da  
Bahia como requisito parcial à obtenção do grau de  
Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Antônio Plínio Moura

SALVADOR

2008

## **RESUMO**

Este trabalho usou os microdados da PED, e teve como finalidade a abordagem da situação da força de trabalho ocupada da indústria e de sua (in)evolução num período de 10 anos, no contexto da Região Metropolitana de Salvador, região tratada aqui como RMS. Essa abordagem se deu em dois momentos. Primeiramente no sentido de descrever a situação da força de trabalho industrial da região em comparação com os ocupados do conjunto da economia metropolitana de Salvador, nos anos de 1996 a 1998. O segundo momento, estabelecida as características da força de trabalho industrial da RMS, foi de comparação desta em dois recortes temporais, mais especificamente nos períodos de 1996 a 1998 e 2006 a 2008. Assim, propõe-se demonstrar a (in)evolução dessa classe de trabalhadores.

Palavras-chave: Indústria. Mercado de Trabalho. Bahia. Região metropolitana de Salvador.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DA INDÚSTRIA NA BAHIA .....</b>	<b>11</b>
<b>2.1</b>	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO BAIANA: OS TRÊS CHOQUES EXÓGENOS DE 1950 A 1990.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2</b>	<b>A INDÚSTRIA BAIANA NO FINAL DO SECULO XX E NO INÍCIO DO SECULO XXI.....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>PERFIL DA FORÇA DE TRABALHO INDUSTRIAL EM 1996-1998.....</b>	<b>17</b>
<b>3.1</b>	<b>DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS SEGUNDO SETOR DE ATIVIDADE E POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>3.2</b>	<b>CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DOS OCUPADOS NA INDÚSTRIA EM 1996-1998.....</b>	<b>19</b>
<b>3.3</b>	<b>DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS POR SETOR DE ATIVIDADE, SEGUNDO O NÚMERO DE EMPREGADOS, E POR SETOR DA INDÚSTRIA.....</b>	<b>25</b>
<b>3.4</b>	<b>INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO NA RMS, COM ENFOQUE NA INDÚSTRIA.....</b>	<b>26</b>
<b>3.5</b>	<b>INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO DOS RENDIMENTOS NA RMS, COM ENFOQUE NA INDÚSTRIA.....</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>PERFIL DA FORÇA DE TRABALHO INDUSTRIAL EM 2006-2008.....</b>	<b>35</b>
<b>4.1</b>	<b>DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS SEGUNDO SETOR DE ATIVIDADE E POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO.....</b>	<b>35</b>
<b>4.2</b>	<b>CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DOS OCUPADOS NA INDÚSTRIA EM 2006-2008.....</b>	<b>37</b>
<b>4.3</b>	<b>DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS POR SETOR DE ATIVIDADE, SEGUNDO O NÚMERO DE EMPREGADOS, E POR SETOR DA INDÚSTRIA.....</b>	<b>43</b>
<b>4.4</b>	<b>INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO NA RMS, COM ENFOQUE NA INDÚSTRIA.....</b>	<b>46</b>
<b>4.5</b>	<b>INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO DOS RENDIMENTOS NA RMS, COM ENFOQUE NA INDÚSTRIA.....</b>	<b>50</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>59</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>62</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>64</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Estrutura Setorial da Ocupação.....	18
Gráfico 2 – Faixa Etária dos Ocupados e dos Ocupados na Indústria.....	22
Quadro 1 – Jornada média de trabalho semanal por setor.....	26
Quadro 2 – Jornada média de trabalho semanal por setor por sexo.....	27
Quadro 3 – Jornada média de trabalho semanal por setor segundo a cor ou raça.....	27
Quadro 4 – Jornada média de trabalho semanal por setor da indústria.....	28
Quadro 5 – Rendimento real médio dos ocupados segundo setor se atividade.....	29
Quadro 6 – Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria.....	30
Gráfico 03 – Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria x rendimento real médio da RMS.....	31
Gráfico 04 – Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria por sexo.....	32
Quadro 7 – Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria por cor ou raça.....	33
Quadro 8 – Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria por escolaridade.....	33
Gráfico 05 – Rendimento Real Médio dos Ocupados por setor da Industria por Escolaridade.....	34
Gráfico 06 – Estrutura Setorial da Ocupação.....	35
Gráfico 07 – Faixa Etária dos Ocupados na Indústria.....	39
Gráfico 08 – Escolaridade dos Ocupados na Indústria.....	40
Gráfico 09 – Distribuição dos ocupados na indústria segundo o número de empregados.....	45
Quadro 9 – Jornada média de trabalho semanal por setor.....	46
Quadro 10 - Jornada média de trabalho semanal por setor segundo o sexo.....	47
Quadro 11 - Jornada média de trabalho semanal por setor segundo a cor ou raça.....	48
Quadro 12 - Jornada média de trabalho semanal por setor da indústria.....	49
Quadro 13 – Rendimento real médio dos ocupados por setor de atividade.....	51
Quadro 14 - Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria.....	52
Gráfico 10 – Rendimento Real Médio dos ocupados por setor da indústria.....	53
Quadro 15 - Rendimento Real Médio dos ocupados por setor da indústria segundo o sexo.....	54
Gráfico 11 – Parcela Relativa do Rendimento Masculino Recebido pelas Mulheres.....	54
Quadro 16 - Rendimento Real Médio dos ocupados por setor da indústria segundo a cor ou raça.....	55
Gráfico 12 – Parcela Relativa do Rendimento dos Não-negros Recebido pelos Negros.....	56
Quadro 17 - Rendimento Real Médio dos ocupados por setor da indústria por escolaridade.....	56
Gráfico 13 – Rendimento Real Médio dos Ocupados por setor da indústria e escolaridade.....	57

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estrutura do setor industrial.....	15
Tabela 2 - Distribuição dos ocupados por posição na ocupação.....	19
Tabela 3 - Características pessoais dos ocupados e dos ocupados na indústria.....	20
Tabela 4 - Distribuição dos ocupados na indústria.....	23
Tabela 5 - Distribuição dos ocupados na indústria por sexo.....	23
Tabela 6 - Distribuição dos ocupados na industria por cor ou raça.....	24
Tabela 7 - Distribuição dos ocupados por setor de atividade segundo o número de empregados.....	25
Tabela 8 – Estrutura setorial da ocupação.....	36
Tabela 9 – Distribuição dos ocupados na indústria por posição na ocupação.....	37
Tabela 10 – Características pessoais dos ocupados na indústria.....	38
Tabela 11 – Distribuição dos ocupados na indústria por sexo.....	41
Tabela 12 – Distribuição dos ocupados na indústria por cor ou raça.....	43
Tabela 13 – Distribuição dos ocupados por setor de atividade segundo o número de empregados.....	44

## 1 INTRODUÇÃO

Esse estudo pretende analisar o perfil da força de trabalho ocupada na indústria da Região Metropolitana de Salvador, região tratada aqui como RMS, e suas alterações num período de 10 anos. Para alcançar tal objetivo, analisaram-se dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED nos anos de 1996 a 1998 e de 2006 a 2008, a fim de mostrar alguma (in)evolução fundamentalmente qualitativa na força de trabalho industrial da RMS. Esse período nos mostra uma variação temporal de 10 anos, e reflete um período de tentativa de mudanças estruturais na indústria baiana, a partir de políticas industriais do governo do Estado.

O ambiente econômico internacional do período se inicia com um cenário de globalização dos mercados, redução do papel do Estado na economia, desregulamentação econômica e liberdade comercial, promovidos pela hegemonia do pensamento liberal, principalmente no decorrer dos anos de 1990. No âmbito nacional, o cenário econômico acompanha as tendências internacionais de desregulamentação econômica, diminuição da participação do Estado na economia e liberdade comercial, através de privatizações de empresas de setores estratégicos, como telecomunicações e transporte, e de liberdade para os Estados definirem suas alíquotas estaduais de impostos, o que resultou numa guerra fiscal entre os Estados.

Nesse contexto, na esfera estadual, o governo da Bahia atraiu diversas empresas privadas, a partir de políticas industriais a serem analisadas no decorrer desse estudo, que ofereciam como contrapartida incentivos fiscais e de infra-estrutura, além de mão-de-obra relativamente mais barata, quando comparada com a força de trabalho do Sudeste brasileiro. Desse modo, representando cerca de 50% do setor industrial do Estado (FERREIRA; FREITAS; MOTA, 2008), a RMS atraiu diversas empresas no período analisado, o que contribuiu para alterar a composição desta força de trabalho, assim como demandou alterações e delineou tendências ao perfil do trabalhador industrial da região.

Em suma, este estudo tem o intuito de mostrar essas alterações e tendências, a partir de indicadores a serem detalhados e comparados nos dois períodos, no decorrer desta análise. A base empírica de dados desse estudo é a Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região

Metropolitana de Salvador (PED), em dois momentos de sua aplicação: de outubro de 1996 a setembro de 1998 e de outubro de 2006 a setembro de 2008, cada período totalizando 24 meses.

Esta pesquisa é realizada pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia/Secretaria de Planejamento Ciências e Tecnologia, Secretaria do Trabalho e Ação Social e Universidade Federal da Bahia, através da aplicação de questionário com 63 questões articuladas entre si, e organizado em seis blocos com as seguintes finalidades: BLOCO A - Identificação do domicílio; BLOCO B - Listagem dos moradores; BLOCO C - Caracterização do domicílio e da família; BLOCO D - Dados de controle; BLOCO E - Atributos pessoais e BLOCO F - Situação ocupacional.

Em suas publicações, a PED é definida como:

*A Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Salvador (PED/RMS) produz informações sobre a estrutura e dinâmica do mercado de trabalho desta região, através de um levantamento mensal e sistemático sobre o emprego, o desemprego e os rendimentos do trabalho. Ao contrário de outras pesquisas, sua metodologia, ao privilegiar a condição de procura de trabalho, na caracterização da situação ocupacional dos indivíduos, permite captar formas de desemprego que são próprias de mercados de trabalho estruturalmente heterogêneos, como é o caso do brasileiro. Assim, através dela, pode-se evidenciar, além do desemprego aberto (o mais comum e conhecido), o desemprego oculto - por trabalho precário ou desalento.*

*A PED/RMS é uma iniciativa do Governo do Estado da Bahia, através da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia - SEI -, órgão da Secretaria de Planejamento - SEPLAN - e da Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte - SETRE, em parceria com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), a Fundação SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – e a Universidade Federal da Bahia (UFBA), através da Faculdade de Ciências Econômicas. A pesquisa é financiada com recursos orçamentários do tesouro do Estado da Bahia e do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), do Ministério do Trabalho, através do Sistema Nacional de Emprego (SINE-BA), conforme a resolução número 55, de 4 de janeiro 1994, do Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador (CODEFAT).*

*A PED coleta informações mensalmente através de entrevistas com os moradores de dez anos de idade ou mais, em 2.500 domicílios da Região Metropolitana de Salvador, resultando na aplicação de cerca de 9.000 questionários/mês. A PED/RMS permite o acompanhamento de aspectos quantitativos e qualitativos da evolução do mercado de trabalho local; seus resultados fornecem preciosas informações para a atuação de gestores do setor público, trabalhadores, empresários, estudiosos do mercado de trabalho, permitindo-lhes elementos essenciais para a tomada de decisões, não apenas no que se refere à área do trabalho, mas também as concernentes ao campo econômico, à política de emprego de um modo geral.*

*Pesquisas semelhantes, do ponto de vista metodológico, também são realizadas nas seguintes regiões metropolitanas: São Paulo (desde 1985), Porto Alegre (desde 1991), Distrito Federal (desde 1992), Belo Horizonte (desde 1994) e Recife (desde*



*1997). Essa metodologia comum foi desenvolvida pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) e a Fundação SEADE - órgão da Secretaria de Planejamento do Governo do Estado de São Paulo -, que acompanham, sistematicamente, a sua aplicação em todas essas regiões. (PED, 2008)*

Assim sendo, este estudo se apresenta composto por esta introdução, um capítulo referente à caracterização da industrialização na Bahia, outro sinalizando o perfil da força de trabalho industrial em 1996-1998, e um quarto capítulo mostrando o perfil da força de trabalho industrial em 2006-2008 e, por último, as considerações finais. Anexos, seguem as notas metodológicas da pesquisa.

## 2 CARACTERIZAÇÃO DA INDÚSTRIA NA BAHIA

Será caracterizada neste capítulo a indústria baiana. Após passar por diversos choques exógenos, essa indústria tem ao final da década de 1990 a oportunidade de diversificar sua cadeia produtiva e a possibilidade de um quarto salto qualitativo num contexto de retomada do crescimento dos investimentos diretos no país, tantos os nacionais quanto os internacionais.

Tal análise será fundamentada nas seções que se seguem, partindo de uma contextualização resumida da industrialização baiana, com ênfase nos três choques exógenos, analisando-se em seguida a indústria baiana no final do século XX e no início do século XXI.

### 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO BAIANA: OS TRÊS CHOQUES EXÓGENOS DE 1950 A 1990

A industrialização baiana se iniciou efetivamente via políticas do governo federal. Apesar da dinâmica capitalista que induzia à necessidade de intensificação do processo de acumulação das indústrias brasileira concentradas no Centro-Sul, tais políticas tinham que desenvolver também outras regiões do país, sem com isso reduzir o ritmo de crescimento do Centro-Sul, representado principalmente pelo parque industrial do Estado de São Paulo.

Nesse contexto, a estratégia do governo era desenvolver no país áreas que apresentassem abundância de recursos naturais, mão de obra barata, boa localização e outras vantagens competitivas que atraíssem indústrias vinculadas ao processo produtivo do Centro-Sul, para assim integrar a cadeia produtiva nacional. Dessa forma, essas novas áreas passariam a fornecer produtos de base e intermediários para alimentar a indústria sulista.

*Nesse sentido, ocorreram inversões maciças da esfera federal na região Nordeste, especificamente na Bahia, quer seja através de incentivos financeiros e fiscais para*

*a instalação de indústrias de base, vinculadas ao processo de integração produtiva com o Centro-Sul, quer seja através de investimentos em educação, saúde e, especialmente, infra-estrutura com a construção de portos, rodovias, ferrovias, suprimento de energia e água, etc.*

*O fato da cidade de Salvador representar o centro administrativo, político e financeiro do estado, associado à descoberta de petróleo e gás no Recôncavo, transformou a atual RMS numa área do território nacional que se adequou perfeitamente à política federal de desconcentração da produção industrial. (DARZÉ FILHO, 2002 p. 4.)*

Assim, no final da década de 1950, a Bahia inicia seu processo de industrialização com a descoberta de petróleo no Recôncavo, que atraiu os investimentos da Petrobrás com a implantação da Refinaria Landulfo Alves (RLAM) em Mataripe, visando à extração e refino de petróleo. Em meados da década de 1960, inicia-se a implantação do Centro Industrial de Aratu (CIA) já na atual RMS, que atraiu, a partir de incentivos fiscais, diversas indústrias de segmentos como minerais não-metálicos, metalurgia, material elétrico e bens leve de consumo.

Percebeu-se a consolidação do processo de industrialização baiana iniciada nos anos 1950 mais efetivamente na década de 1970, quando a estrutura produtiva da economia começou a perder sua predominância agroexportadora, fortemente baseada na atividade cacaueteira. No final da década de 70, a partir de um sistema tripartite com participações do governo federal, setor privado nacional e capital estrangeiro implanta-se o Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC), também conhecido como Pólo Petroquímico de Camaçari (DARZÉ FILHO, 2002).

Desse modo, a indústria do Estado se estruturou a partir de investimentos exógenos e de atração de investimentos privados via incentivos fiscais, e se transformou em um estado ofertante de produtos intermediários para abastecer as indústrias do Sul e Sudeste do país. Tais características diminuem o poder multiplicador da indústria baiana, que fica fortemente correlacionada à economia nacional, portanto dependente dela.

*Nessa fase, a industrialização foi direcionada para os setores químico – especialmente a petroquímica – e metalúrgico, o que se deveu a três motivos:*

- a) *o estado era à época, o maior produtor de petróleo do país e, como visto, já possuía uma refinaria. Tinha-se, assim, uma base técnica para a implantação do segundo pólo petroquímico brasileiro na Bahia;*

- b) *nos primeiros anos da década de 70, havia uma carência na produção nacional de alguns insumos básicos usados pela indústria de transformação do centro-Sul; e*
- c) *o Governo Federal tinha entre seus objetivos a diminuição dos desequilíbrios regionais. (...)*

*A RMS enquanto núcleo econômico de destaque, consolidou suas modernas feições e tendências ao longo das décadas de 1970 e 80. Ela passou a concentrar um parque produtivo criado basicamente com recursos estatais, capital intensivo, produtor de bens intermediários e, até então, sem grandes perspectivas de desdobramentos ajuisante. (TEIXEIRA; GUERRA, 2000 p. 90-92.)*

## 2.2 A INDÚSTRIA BAIANA NO FINAL DO SÉCULO XX E NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

A década de 1990 se inicia com o cenário de abertura comercial e desregulamentação econômica, a partir de políticas econômicas (neo)liberais. No contexto internacional, a economia apresenta uma superoferta de *commodities*. Isso leva a uma redução dos preços e a uma forte concorrência externa, que, em conjunto com condições internas desfavoráveis, refletidas na taxa cambial, na de juros e em uma elevada carga tributária, fizeram com que os setores petroquímico e metalúrgico assumissem posições de defesa, ajustando-se às condições de acirramento da concorrência (FERREIRA; FREITAS; MOTA, 2008).

Nesse período, há uma forte participação da petroquímica e da metalurgia na indústria baiana. Esses setores são intensivos em capital. No COPEC, por exemplo, os investimentos representavam quase US\$ 8 bilhões e empregavam um pouco mais que 24 mil trabalhadores como mão-de-obra direta (TEIXEIRA; GUERRA, 2000). Ou seja, um empreendimento com alta relação capital/trabalho: para cada emprego, eram necessários US\$ 321 mil; ou para cada milhão de dólares aplicados, geravam-se apenas três postos de trabalho (TEIXEIRA; GUERRA, 2000).

*Neste contexto, o segmento petroquímico e os setores produtores de bens intermediários passaram por um processo de reestruturação, buscando ganhos de produtividade através de automação e racionalização administrativa. O que se viu, na prática, foi um intenso processo de fusões e incorporações, e terceirizações e redução de postos de trabalho, que se prolongou por toda a década de 90. (FERREIRA; FREITAS; MOTA, 2008 p. 6).*

Essa reestruturação atingiu a indústria de transformação do Estado, mas não alterou sua

participação relativa na composição setorial da indústria de transformação baiana. Os setores da petroquímica e de metalurgia mantiveram uma forte participação, permanecendo acima dos 50% e 15% respectivamente. Para exemplificar a redução nos postos de trabalho, entre meados da década de 1980 e meados da de 1990, nos segmentos de metais não-ferrosos e mecânicos, os postos de trabalho caíram de aproximadamente 20 mil para 8 mil empregos (FERREIRA; FREITAS; MOTA, 2008).

Desse modo, houve uma necessidade da política industrial da Bahia se modernizar durante os anos 1990, e o Estado fez esforços no sentido de integrar de maneira vertical as cadeias produtivas da região. Isto se deu através da atração de investimentos privados de indústrias produtoras de bens finais. O objetivo era que esses empreendimentos utilizassem – como insumos diretos à produção – produtos agropecuários e de bens industriais intermediários, ofertados pelo próprio Estado, integrando assim a cadeia produtiva da Bahia:

*Estimulou-se a criação de um mercado local de peças, componentes e embalagens, entre outras medidas de incentivo, tendo em consideração que o Estado representava, já no início da década de 90, cerca de 40% do mercado do Nordeste, com escala de produção que possibilitaria viabilizar empreendimentos deste porte. Portanto, colocou-se em destaque uma estratégia que já era apresentada em anos anteriores como alternativa adicional para o desenvolvimento da Bahia. (FERREIRA; FREITAS; MOTA, 2008 p. 6)*

Com a atração desses investimentos, iniciados ainda na década de 90, houve uma tendência de desconcentração espacial das indústrias da Bahia, com um aumento do número de indústrias no interior. A atração desses empreendimentos era de interesse do Estado, que oferecia incentivos fiscais, assegurava a infra-estrutura necessária para a instalação das plantas indústrias, além de oferecer programas de qualificação da mão-de-obra, a qual é relativamente mais barata no interior, entretanto sem a qualificação exigida pela indústria. Assim, foram atraídos investimentos nos setores de papel e celulose, transformação plásticas, fabricação de calçados e eletrônicos, dentre outros. Essas plantas instalaram-se fundamentalmente no Extremo Sul, Oeste e Baixo São Francisco (FERREIRA; FREITAS; MOTA, 2008).

Com a virada do milênio, a política industrial do Estado se mantém com o objetivo de integração da cadeia produtiva, com a atração de indústrias produtoras de bens finais e de desconcentração espacial, tentando levar os efeitos multiplicadores da indústria para o interior. Mantém-se a tendência da década anterior.

*A partir dos anos 2000, o Estado passa a referir-se explicitamente à necessidade de maior integração de cadeias de produção, visando absorver parte da produção de bens intermediários, assim como pela sua capacidade de geração de empregos. É também neste período recente que reconhece a necessidade de promover a desconcentração espacial das atividades econômicas – embora tenha havido avanços (especialmente no Extremo Sul, Oeste e Baixo São Francisco), a Região Metropolitana de Salvador continuava respondendo por cerca de 50% do valor da produção gerada no Estado. Foi neste cenário que o conceito de integração logística adquiriu importância, considerando que a base da desconcentração espacial estaria no desenvolvimento integrado das regiões do Estado. Esta situação fundamentou o argumento que subsidiou a divisão do Estado da Bahia em oito grandes eixos de desenvolvimento, onde os critérios de definição estão associados aos fluxos principais de mercadorias e aos corredores de escoamento disponíveis. (FERREIRA; FREITAS; MOTA, 2008 p. 6)*

Desse modo, é intensificada a política industrial no Estado. Entretanto, apesar da política estadual ter atraído diversos empreendimentos, distribuídos pelo interior do Estado, a RMS continuou a concentrar cerca de 50% do valor de produção gerado na Bahia. Concomitantemente, atrai diversos investimentos, entre eles o Complexo Industrial Ford Nordeste, com investimento inicial em torno de US\$ 1,9 bilhão, e representa a possibilidade do quarto salto da indústria baiana.

*Neste contexto, espera-se que o Complexo Industrial Ford Nordeste, instalado em Camaçari, pela magnitude dos investimentos e pelas articulações intersetoriais que é capaz de promover, possa impulsionar modificações estruturais na economia do Estado e produzir resultados e taxas de crescimentos expressivas. (FERREIRA; FREITAS; MOTA, 2008 p. 6)*

Visto isso, apesar de atrair diversos empreendimentos, a indústria baiana ainda se apresenta bastante concentrada na RMS. Em relação à atração de empreendimentos produtores de bens finais, pode-se ter a mesma conclusão, pois a estrutura de setor não se alterou de forma substancial. (Tabela 1)

**Tabela 1 - Estrutura do setor industrial.  
Bahia, 2002-2007.**

Setor	(Em porcentagem)					
	2002	2003	2004	2005	2006*	2007*
Indústria de Transformação	55,0	55,0	53,7	52,4	51,9	51,0
Construção Civil	25,1	22,2	22,7	25,4	27,5	27,6
Produção e Distribuição de Eletricidade e Gás, Água e Limpeza Urbana	15,4	18,0	18,1	16,9	15,8	15,8
Extrativa Mineral	4,5	4,8	5,6	5,3	4,8	5,5

Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------

FONTE: SEI.

\* Dados sujeitos a retificação.

Como se verifica, apesar da tendência de redução da participação da indústria de transformação, ela ainda concentra mais de 50% das indústrias do Estado. Nas palavras dos autores:

*Em uma fase marcada pela abertura comercial e desregulamentação econômica, no início da década de 90, a Bahia buscou a fixação de estratégias que reduzissem a concentração em atividades produtoras de commodities intermediárias, visando à diversificação da economia, assim como reduzir a concentração espacial e atrair investimentos mais intensivos em mão-de-obra. Ao lado destas providências instituiu um mecanismo de incentivos fiscais e financeiros para estimular o crescimento de atividades que atendessem aos objetivos previstos. (FERREIRA; FREITAS; MOTA, 2008 p. 9)*

### **3 PERFIL DA FORÇA DE TRABALHO INDUSTRIAL EM 1996-1998**

A partir da análise de indicadores relacionados à força de trabalho industrial da RMS, será mostrado, nas seções que se seguem, o perfil da força de trabalho desse setor, num determinado período de tempo. Tal análise subdivide-se nos itens: distribuição dos ocupados segundo setor de atividade e posição na ocupação, características pessoais dos ocupados na indústria, distribuição dos ocupados por setor de atividade, segundo o número de empregados e por setor da indústria, indicadores de caracterização da jornada de trabalho na RMS, com enfoque na indústria e indicadores de caracterização dos rendimentos na RMS, também com enfoque na indústria. Esses dados foram obtidos junto à Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED e coletados num período de 24 meses, iniciado em outubro de 1996, com término em setembro de 1998.

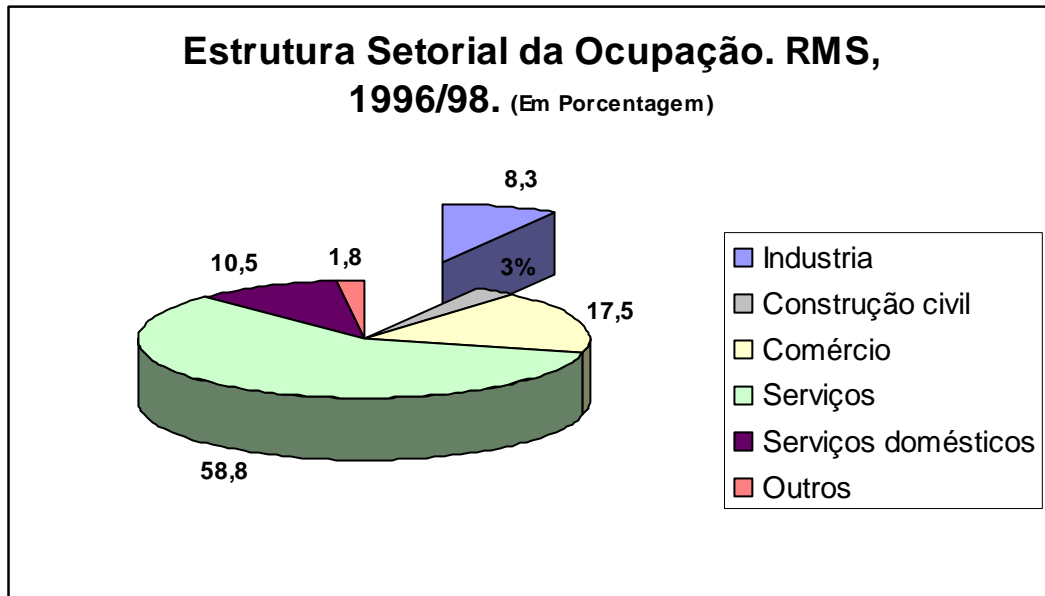
#### **3.1 DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS SEGUNDO SETOR DE ATIVIDADE E POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO**

A estrutura da economia da RMS é predominantemente terciária, com grande presença do setor de serviços, comércio, setor público, serviços domésticos, além de uma parcela significativa de trabalhadores por conta própria (AZEVEDO, 1992). Nesse contexto, a indústria corresponde a 8,3% dos ocupados da região, sendo o quarto setor em geração de emprego na Região Metropolitana de Salvador. A estrutura setorial dos ocupados na RMS pode ser visualizada no Gráfico 1.

Esse percentual aparentemente baixo quando comparado com os três primeiros setores: serviços com 58,8%, comércio 17,5% e serviços doméstico com 10,5%, reflete as características da indústria da RMS, que é intensiva na utilização do insumo capital em seu



processo produtivo. Com um processo de industrialização baseado na produção de bens intermediários (AZEVEDO, 1992), em uma economia subordinada à dinâmica nacional.



**Gráfico 1 – Estrutura setorial da ocupação. RMS, 1996/98.**

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: 1. Períodos de outubro de 1996 a setembro de 1998. 2. Construção Civil: Construção de Edificações e Obras de Infra-Estrutura. 3. Outros: Agricultura, Pecuária, Extração Vegetal, Embaixadas, Consulados, Representações Oficiais e Políticas, Outras Atividades não classificadas.

A análise da distribuição dos ocupados por posição na RMS pode ser feita com base nos dados da Tabela 1. Em relação aos industriais, observa-se uma forte presença dos assalariados, que respondem por aproximadamente 80% dos ocupados, sendo o setor privado o responsável por 72,5% dos assalariados. Os autônomos correspondem a 11,7% e os empregadores respondem por 5,6% dos ocupada na indústria.

Para o total de ocupados na RMS, considerando todos os setores de atividade da economia, apesar dos assalariados somarem 56,8% dos ocupados, fica evidenciada a forte presença dos trabalhadores por conta própria (autônomos) com 24,3%, do setor público, com 16,3% e dos domésticos, com 10,5% entre os ocupados. Isso mostra o predomínio de uma economia terciária, enquanto os empregadores respondem somente por 4,2% dos ocupados.

Comparando essas duas realidades (industriais x total dos ocupados), verifica-se que a indústria exige mais formalidade nas relações de emprego: 56,6% dos assalariados têm carteira assinada, contra 29,5% do total dos ocupados. Pode-se verificar também o

predomínio do setor privado na indústria, que corresponde a 72,5% dos assalariados contra 40,4% dos assalariados do total dos ocupados, assim como uma maior proporção de empregadores na indústria, 5,6% contra 4,2% do total de ocupados. É óbvia a inexistência de domésticos na indústria.

Os dados acima mostram a importância da indústria para a economia da RMS, seja no âmbito da garantia dos direitos dos trabalhadores, no da dinamização do setor privado, na arrecadação do Estado (originada no setor privado) e de seus efeitos multiplicadores aos outros setores de atividade econômica.

**Tabela 2 - Distribuição dos ocupados por posição na ocupação.  
RMS, 1996/98<sup>1</sup>.**

Ocupados por posição	(Em porcentagem)	
	1996/98	
	Total dos ocupados	Indústria
<b>Ocupados</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
Assalariados Total	56,8	80,3
Assalariados Setor Privado	40,4	72,5
Com Carteira Assinada	29,5	56,6
Sem Carteira Assinada	10,9	15,9
Assalariados Setor Público	16,3	7,8
Autônomo	24,3	11,7
que Trabalha para Empresa	4,7	4,2
que Trabalha para o Público	19,6	7,5
Empregadores	4,2	5,6
Domésticos	10,5	-
Demais	4,1	2,4

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Períodos de outubro de 1996 a setembro de 1998

### 3.2 CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DOS OCUPADOS NA INDÚSTRIA EM 1996-1998

Os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED estão mostrados na Tabela 3 e nos permitem traçar algumas considerações sobre a força de trabalho ocupada pela indústria, em comparação com os ocupados em geral, no período analisado.

**Tabela 3 - Características pessoais dos ocupados e dos ocupados na indústria.  
RMS, 1996-98<sup>(1)</sup>.**

		(Em percentagem)	
Característica pessoal		Ocupados	Indústria
<b>Sexo</b>	Masculino	54,5	75,2
	Feminino	45,5	24,8
<b>Cor ou raça (2)</b>	Não-negra	20,1	19,2
	Negra	79,9	80,8
<b>Idade</b>	10 a 17	6,1	4,8
	18 a 24	20,0	22,1
	25 a 39	42,5	45,1
	40 a 59	28,2	26,4
	60 e mais	3,1	1,6
<b>Escolaridade</b>	Analfabetos	4,8	2,8
	Ensino Fundamental Incompleto	39,9	40,6
	Ensino Fundamental completo	15,4	18,1
	Ensino Médio incompleto	29,9	31,3
	Ensino Médio completo	10,0	7,2
	Ensino Superior completo	10,0	7,2
<b>Posição no domicílio</b>	Chefe	42,9	51,0
	Cônjuge	18,2	11,3
	Filho	25,7	28,8
	Outras	13,2	9,0
<b>Tempo de residência</b>	Até 3 anos	7,2	6,3
	Mais de 3 anos	92,8	93,7

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

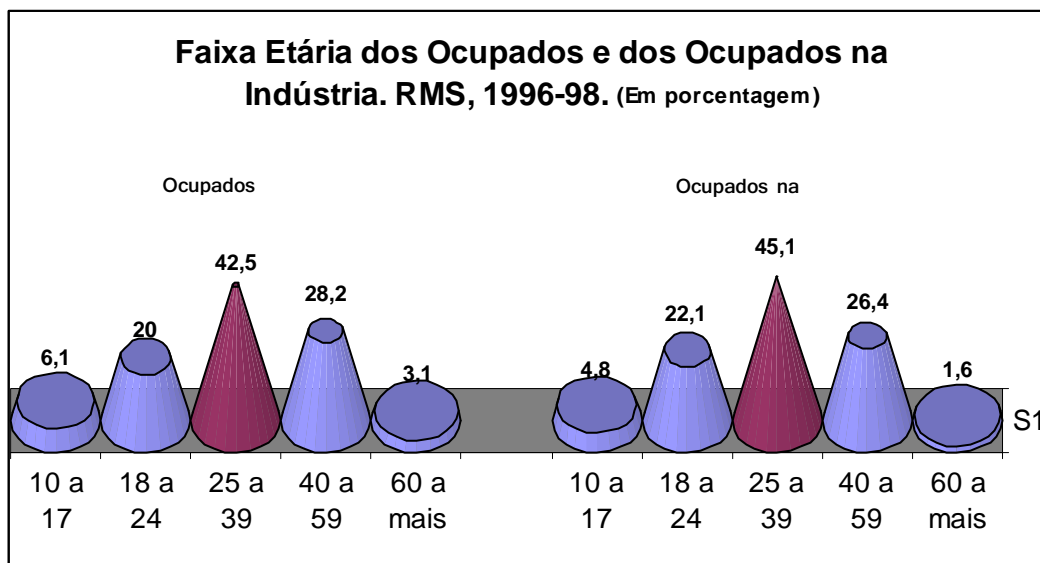
(2) Não-negros corresponde à soma de brancos e amarelos e negros à de pretos e pardos.

Em relação ao gênero, os dados nos permite concluir que a indústria é um universo extremamente masculino, com 75,2% dos ocupados pertencentes a esse sexo. Essa afirmação fica mais evidente na comparação com os ocupados na RMS, onde os homens correspondem a aproximadamente 55% dos ocupados.

No quesito cor ou raça, o comportamento dos ocupados industriais se comporta de forma semelhante ao dos ocupados em geral, com um predomínio da raça negra em torno de 80% em ambos universos. Esse comportamento está de acordo com as características populacionais da RMS, que tem Salvador como principal pólo, sendo esta a cidade fora da África com a maior proporção de negros entre seus habitantes. Ou seja, a partir dessa informação não é possível se verificar qualquer tipo de exclusão por cor.

A faixa etária predominante na indústria, assim como no total dos ocupados, é de 25 a 39 anos, com 45,1% na indústria contra 42,5% do total dos ocupados. Em seguida vem a faixa de 40 a 59 anos, com 26,4% dos industriais contra 28,2% do total dos ocupados. Desse modo, somando essas duas categorias, vemos que 71,5% dos trabalhadores da indústria têm entre 25 e 59 anos. (Gráfico 02).

Em comparação com o total dos ocupados, vemos que a força de trabalho na indústria se comporta de maneira semelhante ao total dos ocupados. Entretanto, por ser um mercado de trabalho mais formal e estruturado, observam-se diferenças nas faixas etárias extremas. Ou seja, enquanto na indústria os mais novos (de 10 a 17 anos) somam 4,8% e os mais velhos (com mais de 60 anos) somam 1,6%, no total dos ocupados se verifica uma exploração maior nessas duas categorias, com percentuais de 6,1% e 3,1 respectivamente.



**Gráfico 2 – Faixa etária dos ocupados e dos ocupados na indústria. RMS, 1996-98.**

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: 1. Períodos de outubro de 1996 a setembro de 1998.

Em relação à exigência por escolaridade, verifica-se uma maior demanda por escolaridade pelos empregadores na indústria, no tocante ao ensino Fundamental e Médio. Já no ensino Superior, somente 7,2% dos ocupados da indústria possuem essa escolaridade completa, contra 10% do total dos ocupados. (Tabela 3).

Os analfabetos não conseguem competir no mercado de trabalho da indústria como o fazem no restante dos setores de atividade econômica. Isso se verifica nos percentuais de participação desses trabalhadores em ambos os setores: na indústria, eles correspondem a somente 2,8% dos trabalhadores, enquanto respondem por 4,8% do total dos ocupados.

Quanto à posição no domicílio, mais da metade dos trabalhadores industriais são chefe de família, com um percentual em torno de 51%. Valor maior que o restante dos ocupados que detêm 42,9%. A situação se inverte em relação aos cônjuges, devido ao universo masculino da indústria, quando os cônjuges representam somente 11,3% dos industriais, abaixo do total dos ocupados que somam 18,2%.

Os filhos estão mais presentes no mercado de trabalho industrial, representando 28,8% contra 25,7% do total dos ocupados.

As características migratórias, no período analisado, comportam-se de maneira similar. Apesar disso, a indústria tem uma tendência menor de contratação de migrantes, com somente 6,3% de sua força de trabalho residindo a menos de três anos na RMS, contra uma representação de 7,2% do total dos ocupados nessa situação.

Analisando a distribuição dos ocupados por setor da indústria, observa-se que o setor de química, farmacêuticos e plásticos (exceto petroquímica) responde por 17,8% dos ocupados, seguido pelo setor de alimentação que corresponde a 16,5%, pelo setor de metal-mecânica que engloba atividades de metalurgia, mecânica, materiais elétrico-eletrônicos e materiais de transporte com 15,4%. Surge em seguida a petroquímica com 11,4%, representada em grande parte pelas plantas da Petrobrás. Em quinto lugar, em relação ao número de ocupados, vem o setor têxtil, vestuário, calçados e artefatos de tecido com 10,6%. Este último apresenta características diferenciadas em seu mercado de trabalho a serem detalhadas. Finalizando, o setor de gráficas e editoras com aproximadamente 6,9% dos ocupados na indústria.

**Tabela 4 - Distribuição dos ocupados na indústria.  
RMS, 1996-98<sup>1</sup>.**

Setor	(Em porcentagem)
	1996/98
Metal-Mecânica	15,4
Química, Farmacêutica e Plásticos	17,8
Petroquímica	11,4
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido	10,6
Alimentação	16,5
Gráficas e Editoras	6,9
Outras indústrias	21,5
Total	100,0

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

As outras indústrias correspondem a 21,5% dos ocupados e representam os setores de mobiliário e produtos de madeira, artefatos de borracha, papel, papelão e cortiça, vidros, cristais, espelhos, cerâmicas, matérias de construção e outras.

**Tabela 5 - Distribuição dos ocupados na indústria por sexo.  
RMS, 1996-98<sup>1</sup>**

Setor	(Em porcentagem)	
	1996/98	
	Masculino	Feminino
Metal-Mecânica	94,0	-
Química, Farmacêutica e Plásticos	82,6	17,4
Petroquímica	87,8	-
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido	33,9	66,1
Alimentação	73,5	26,5
Gráficas e Editoras	75,4	-
Outras indústrias	80,5	19,5
<b>Total</b>	<b>77,3</b>	<b>22,7</b>

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

(-) A amostra não permite afirmar.

Na análise por sexo, fica evidenciado novamente o predomínio dos homens na indústria, que correspondem a 77,3% do total dos ocupados no setor, com os setores de metal-mecânica, petroquímica, química, farmacêuticos e plásticos com maior dificuldade para as mulheres se inserirem, conforme os dados da Tabela 4. Entretanto, na análise por setor da indústria, vemos onde estão concentradas as mulheres nesse mercado de trabalho tão excludente em relação ao gênero. Elas estão no setor de têxtil, vestuários, calçados e artefatos de tecidos que têm 66,1% de sua força de trabalho feminina. São em grande parte as costureiras que dominam esse mercado de trabalho. Através de empreendimentos como a Cooperativa de Confecção da Comunidade de Plataforma – COOPERCONFEC, localizada num bairro periférico da RMS, que conta com 30 operárias ativas de baixa renda em seu processo produtivo, as mulheres se inserem no mercado de trabalho da indústria.

Elas têm uma participação mais significativa também no setor de alimentação, porém não chegam a 30% do total dos ocupados no setor.

No âmbito da cor ou raça, a população negra representa a maioria dos ocupados na indústria com aproximadamente 80%. Com destaque para os extremos, no setor metal-mecânica, os negros respondem por 84,5%, enquanto no setor petroquímica, eles somam 72,5%.

**Tabela 6 - Distribuição dos ocupados na indústria por cor ou raça<sup>1</sup>.  
RMS, 1996-98<sup>2</sup>.**

Setor	(Em porcentagem)	
	1996/98	

	Não-negra	Negra
Metal-Mecânica	-	84,5
Química, Farmacêutica e Plásticos	24,2	75,8
Petroquímica	27,5	72,5
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido	-	76,1
Alimentação	20,1	79,9
Gráficas e Editoras	-	76,0
Outras indústrias	15,4	84,6
Total	20,6	79,4

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Não-negros corresponde à soma de brancos e amarelos e negros à de pretos e pardos.

(2) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

### 3.3 DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS POR SETOR DE ATIVIDADE, SEGUNDO O NÚMERO DE EMPREGADOS, E POR SETOR DA INDÚSTRIA

Embora domiciliar, os dados desta pesquisa permitem algumas conclusões a respeito da ocupação no que se refere ao tamanho das empresas, medido pelo número de empregados.

**Tabela 7 - Distribuição dos ocupados por setor de atividade segundo o número de empregados<sup>1</sup>. RMS, 1996-98<sup>2</sup>.**

Setor	(Em porcentagem)					
	1996/98					Total
	Até 5	6 a 49	50 a 99	100 a 499	500 e +	
Indústria	28,3	24,2	8,0	20,0	19,6	100
Construção civil	20,3	26,8	15,6	22,3	15,0	100
Comércio	63,1	20,8	4,0	5,8	6,4	100
Serviços	57,8	20,7	4,1	7,6	9,8	100
Serviços domésticos <sup>3</sup>						
Outros	88,2	-	-	-	-	100
Total	55,8	20,9	4,7	8,7	9,9	100

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Apenas os que declararam o número de empregados na empresa.

(2) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

(3) Não se aplica ao trabalho doméstico.

(-) A amostra não permite afirmar.

Apesar das informações serem baseadas nas respostas dos empregados, sem uma quantificação exata, uma análise dos dados permite afirmar que 55,8% das empresas da RMS



possuem até 5 empregados, enquanto na indústria esse percentual cai para 28,3%. Por ser a indústria um setor mais estruturado, com uma necessidade de investimentos mais altos em tecnologia, processos produtivos e capital, observa-se que enquanto a soma das empresas com mais de 50 empregados, que corresponde as três últimas colunas da Tabela 7, atingiu 49,6% das indústrias, enquanto que para o conjunto da economia essa participação alcançou somente 23,3%. A indústria é ainda o setor com maior participação nas empresas com 500 ou mais empregados, numa ordem de 19,6%, contra 15% da construção civil, o segundo setor na participação de empresas com mais de 500 empregados.

### 3.4 INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO NA RMS, COM ENFOQUE NA INDÚSTRIA

A legislação brasileira determina como limite legal uma jornada de trabalho de 44 horas semanais. Isso corresponde a uma jornada de 8 horas/dia durante a semana, mais meia jornada, 4 horas, aos sábados. É possível haver variações com banco de horas, revezamento de equipes, além da questão de abertura aos domingos, que se aplica mais ao comércio.

Setor	(Em horas)	
	Jornada de trabalho média	
	1996-98	
Indústria	42,6	
Construção civil	44,7	
Comércio	43,7	
Serviços	38,0	
Serviços domésticos	47,8	
Outros	32,6	
Média do total	40,5	

**Quadro 1 – Jornada média de trabalho semanal por setor. RMS, 1996/98<sup>(1)</sup>.**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

Com uma jornada média de 42,6 horas por semana, vemos que na indústria a jornada legal é, em média, atendida. Setores com o mercado de trabalho menos estruturado, como serviços

domésticos e construção civil, apresentam jornadas médias acima da jornada legal, com 47,8 e 44,7 horas semanais respectivamente.

(Em horas)

Setor	1996/98		Variação Relativa
	Masculino	Feminino	
Indústria	43,6	38,8	4,8
Construção civil	45,3	36,9	8,4
Comércio	47,6	38,5	9,1
Serviços	42,2	32,4	9,8
Serviços domésticos	51,9	47,5	4,4
Outros	34,9	27,6	7,2
Média do Total	44,2	37,0	7,3

**Quadro 2 – Jornada média de trabalho semanal por setor segundo o sexo. RMS 1996/98<sup>1</sup>.**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEL, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

Na comparação das jornadas por sexo, verifica-se que as mulheres possuem uma jornada média de trabalho inferior em todos os setores. Vale lembrar que o trabalho das mulheres não termina no local de trabalho, pois elas possuem a conhecida dupla jornada. Assim, quando chegam em casa, ainda precisam cuidar, na maioria das vezes, dos afazeres domésticos.

(Em horas)

Setor	1996/98		Variação Relativa
	Não-negro	Negro	
Indústria	42,4	42,6	-0,2
Construção civil	42,4	45,0	-2,6
Comércio	44,4	43,5	0,9
Serviços	36,5	38,4	-1,9
Serviços domésticos	49,1	47,6	1,4
Outros	39,1	31,7	7,4
Média do Total	42,3	41,5	0,9

**Quadro 3 – Jornada média de trabalho semanal por setor segundo a cor ou raça. RMS, 1996/98.<sup>1</sup>**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

Com relação aos negros e não-negros, a variação é bem menor. Na indústria, essa variação é de 12 minutos a mais de trabalho por semana para os negros (-0,2 horas de variação relativa), enquanto a média total é de 54 minutos a mais de trabalho para os não-negros (0,9 horas de variação relativa).

Com os dados do Quadro 4, se obtém uma visão da jornada de trabalho por setor industrial.

Setor	(Em horas)
	1996/98
Metal-Mecânica	43,8
Química, Farmacêutica e Plásticos	41,0
Petroquímica	40,9
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido	41,1
Alimentação	47,7
Gráficas e Editoras	39,0
Outras indústrias	41,7
Total	42,6

**Quadro 4 – Jornada média de trabalho semanal por setor da indústria. RMS, 1996/98.<sup>1</sup>**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

Verifica-se que somente o setor de alimentação ultrapassa a jornada legal de 44 horas semanais. Uma jornada superior à legal leva o trabalhador à exaustão e dificulta a criação de novos postos de trabalho no setor de alimentação. Porém, considerando-se o setor industrial como um todo, os dados mostram um mercado de trabalho estruturado, com uma jornada média de 42,6 horas semanais.

### 3.5 INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO DOS RENDIMENTOS NA RMS, COM ENFOQUE NA INDÚSTRIA

A preocupação com os rendimentos afeta tanto a população em idade ativa que vislumbra em algum momento adentrar no mercado de trabalho, quanto à população economicamente ativa, que procura ou está empregada, visto que todo trabalhador quer ser bem remunerado, a fim de garantir algum conforto e subsistência à família e a si próprio.

Partindo-se desse princípio, a diferença de rendimentos entre os ocupados fica assim estabelecida:

*Em geral, os diferenciais de rendimentos entre indivíduos ocupados podem ser originários de três características presentes no mercado de trabalho:*

1. *Diferenças nas dotações dos atributos produtivos dos trabalhadores, dentre os quais se destacam a educação e a experiência. Nessa situação, pode-se dizer que o mercado de trabalho estaria traduzindo, de maneira justificada, os distintos rendimentos, de forma que os que possuem as maiores quantidades desses atributos alcançam também as maiores remunerações;*
2. *Discriminação no mercado de trabalho, quando trabalhadores igualmente produtivos são remunerados de maneira diferenciada em decorrência de avaliações subjetivas quanto aos atributos não produtivos, tais como gênero e cor; e*
3. *Segmentação no mercado de trabalho para trabalhadores igualmente produtivos. (BISPO FILHO; MENEZES, 2006 PÁG. 519.)*

Visto isso, serão analisados dados que refletem essas três variáveis, com enfoque no mercado de trabalho da indústria.

(Em R\$1,00 de agosto de 2008)

Setor	Rendimento
	1996/98
Indústria	1.564
Construção civil	1.156
Comércio	853
Serviços	1.127
Serviços domésticos	246
Outros	542
Total	1.009

**Quadro 5 – Rendimento real médio dos ocupados por setor de atividade. RMS, 1996/98<sup>1</sup>.**

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

**Nota:** Excluídos os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

Inflator utilizado: IPC da SEI.

A remuneração por setor de atividade mostra que existe uma tremenda diferenciação de rendimentos por setor. A indústria é o setor de melhor rendimento, com uma remuneração real

média de R\$ 1.564,00, seguida pela construção civil, que paga aos seus trabalhadores em média R\$ 1.156,00, um pouco a mais que o setor de serviços, que remunera sua força de trabalho com um valor médio de R\$ 1.127,00.

Os setores que exigem menos qualificação, como comércio e serviços domésticos, oferecem as remunerações mais baixas, na ordem de R\$ 853,00 e R\$ 246,00 respectivamente. Valores bem abaixo do rendimento real médio de R\$ 1.009,00.

No âmbito da indústria, a análise por setor industrial também revela uma grande variação de valores a depender do ramo da indústria, conforme Quadro 6:

(Em R\$1,00 de agosto de 2008)

Setor	Rendimento 1996/98
Metal-Mecânica	1.376
Química, Farmacêutica e Plásticos	2.246
Petroquímica	3.591
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido	855
Alimentação	1.028
Gráficas e Editoras	1.353
Outras indústrias	899
Total	1.564

**Quadro 6 – Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria. RMS, 1996/98<sup>1</sup>.**

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

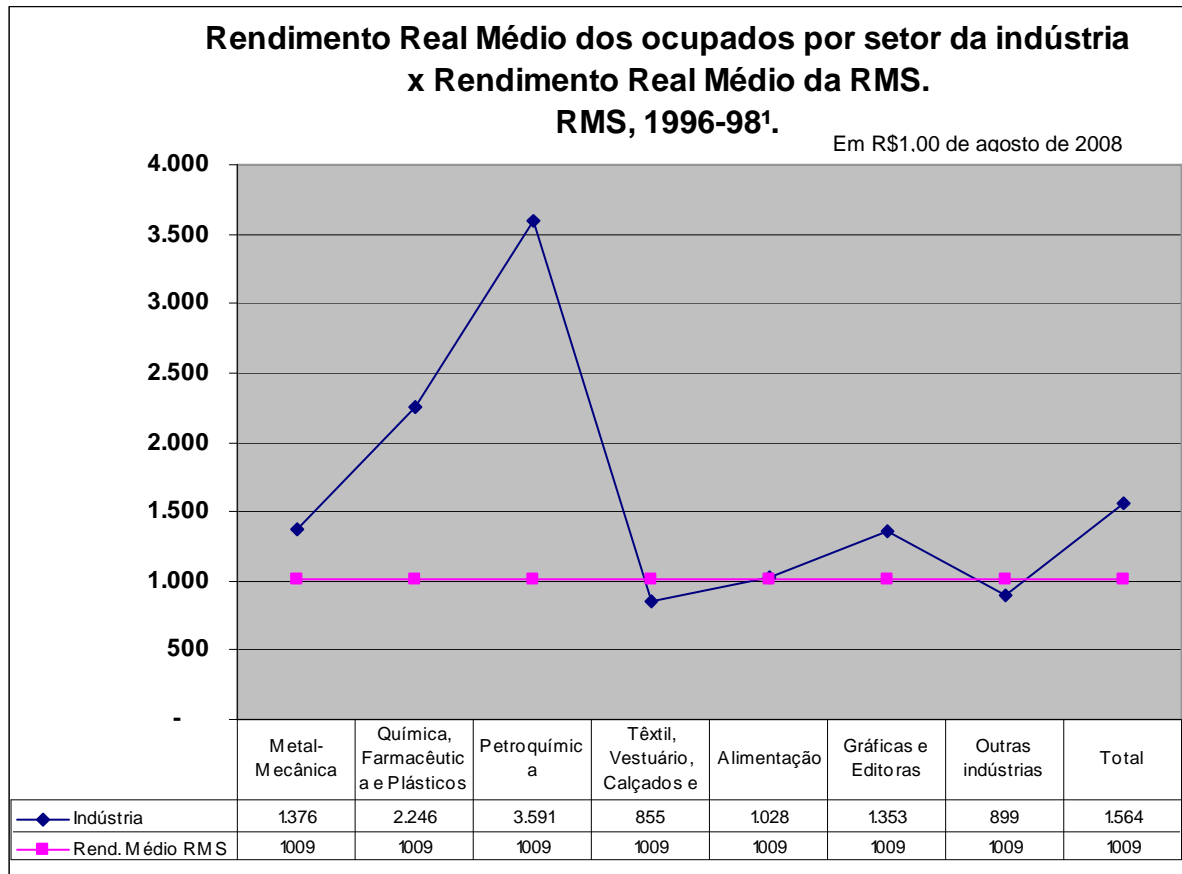
**Nota:** Exclui os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

Inflator utilizado: IPC da SEI.

Apesar do rendimento real médio do setor estar na faixa de R\$ 1.564, dentro do setor há rendimentos que variam de R\$ 3.591 para os petroquímicos, que têm seu trabalho valorizado pelas empresas de grande porte do setor, como a Petrobrás, ao valor de R\$ 855,00 pago pelo ramo têxtil, vestuário, calçados e artefatos de tecido. Neste ramo há maioria feminina na composição de sua força de trabalho, mostrando uma desvalorização do trabalho da mulher.

Fora os extremos, ainda se observam rendimentos acima da média praticada na RMS. São os casos da indústria química, farmacêutica e plástica com R\$ 2.246; metal-mecânica com R\$ 1.376; gráfica e editoras com R\$ 1.353 e alimentação com 1.028 reais. As outras indústrias

apresentam rendimentos na ordem de R\$ 899, abaixo da média dos rendimentos praticados na RMS. (Gráfico 03).



**Gráfico 3 – Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria x rendimento real médio da RMS. RMS, 1996/98.**

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

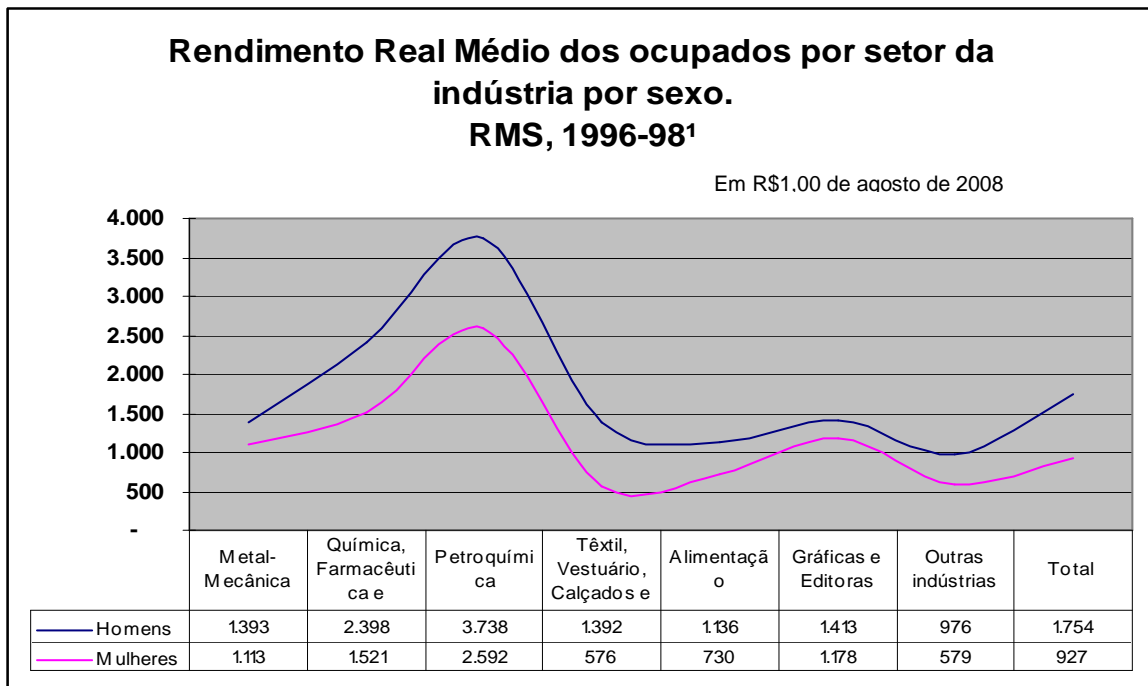
Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

**Nota:** Exclusivo os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

Inflator utilizado: IPC da SEI.

Em relação ao gênero, com a segregação dos dados por setor da indústria, observa-se grande variação entre os rendimentos do homem e da mulher em todos os setores, inclusive no setor têxtil, vestuário, calçados e artefatos de tecido, onde as mulheres correspondem a aproximadamente 66% da força de trabalho ocupada do setor.

Essa diferença é desfavorável às mulheres. Apesar de trabalharem em média uma jornada inferior à dos homens, na ordem de 38,8 horas por semana de trabalho na indústria contra 43,6 horas semanais dos homens, o que representa 88,99% ( $38,8/43,6 \times 100$ ) da jornada de trabalho masculina, elas recebem em média somente 52,85% ( $927/1.754 \times 100$ ) da remuneração dos homens.



**Gráfico 4 – Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria por sexo. RMS, 1996/98.**

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

**Nota:** Exclusivo os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

Inflator utilizado: IPC da SEI.

Verifica-se diferenciação de rendimentos também em relação à cor ou raça dos ocupados na indústria. Apesar de representarem cerca de 80% da força de trabalho da indústria, os negros obtêm rendimentos inferiores aos não-negros em todos os setores da indústria.

Essa diferença pode se dar por dois motivos: os negros ocupam os cargos menos valorizados ou recebem menos para exercer a mesma função. Em ambos os casos, verifica-se uma discriminação racial exercida pelos empregadores, seja no momento de contratação dos negros, seja no momento de promoção de cargos dentro da empresa.

(Em R\$1,00 de agosto de 2008)

Setor	1996/98	
	Não-negra	Negra
Metal-Mecânica	2.443	1.197
Química, Farmacêutica e Plásticos	3.679	1.817
Petroquímica	4.357	3.303
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido	1.411	700
Alimentação	1.919	819
Gráficas e Editoras	1.740	1.234
Outras indústrias	1.466	795
Total	2.569	1.315

**Quadro 7 – Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria por cor ou raça<sup>1</sup>. RMS, 1996/98.**

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Não-negros corresponde à soma de brancos e amarelos e negros à de pretos e pardos.

(2) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

**Nota:** Exclui os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

Inflator utilizado: IPC da SEI.

Atendendo a primeira característica de diferenciação dos rendimentos entre indivíduos ocupados presentes no mercado de trabalho, citada no início desta seção, nota-se como os rendimentos dos ocupados na indústria se comportam frente às variações nos níveis de escolaridade. (Quadro 8).

(Em R\$1,00 de agosto de 2008)

Setor	Analfabetos	Fundamental incompleto	Fundamental completo Médio incompleto	Médio completo Superior incompleto	Superior completo	Total
Metal-Mecânica	-	783	1.021	1.788	-	1.376
Química, Farmacêutica e Plásticos	-	783	-	2.799	-	2.246
Petroquímica	-	-	-	3.475	-	3.591
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido	-	452	-	-	-	855
Alimentação	-	500	-	1.697	-	1.028
Gráficas e Editoras	-	-	-	-	-	1.353
Outras indústrias	-	579	763	1.353	-	899
Total	439	617	937	2.272	4.831	1.564

**Quadro 8 - Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria por escolaridade. RMS, 1996/98<sup>1</sup>.**

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

(-) Amostra não permite.

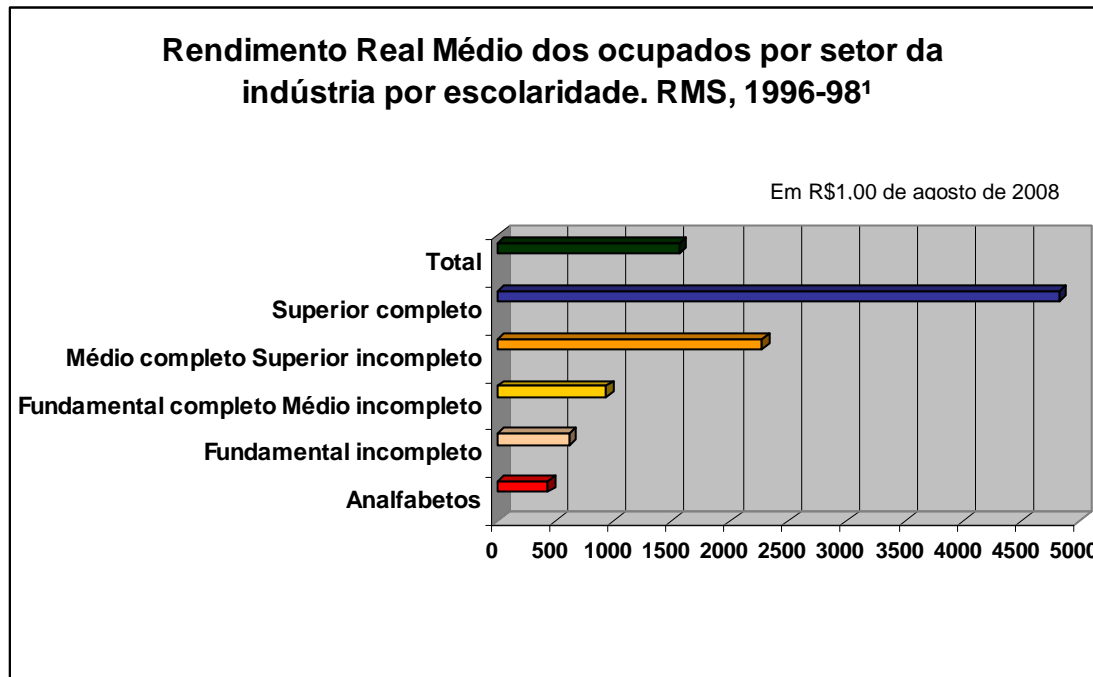
**Nota:** Exclui os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

Inflator utilizado: IPC da SEI.

Como esperado, os rendimentos aumentam com o maior nível de escolaridade. Verifica-se que os analfabetos ganham R\$ 439 em média, contra R\$ 617 dos ocupados com ensino fundamental incompleto. Já os ocupados com o fundamental completo e ensino médio



incompleto ganham em média R\$ 937, contra R\$ 2.272 dos empregados com ensino médio completo e superior incompleto. Apresentam maior valorização de seu trabalho, atendendo a premissa inicial, os ocupados com ensino superior completo, que ganham em média R\$ 4.831. (Gráfico 05).



**Gráfico 5 – Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria por escolaridade.RMS, 1996/98.**

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

**Nota:** Excluídos os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

Inflator utilizado: IPC da SEI.

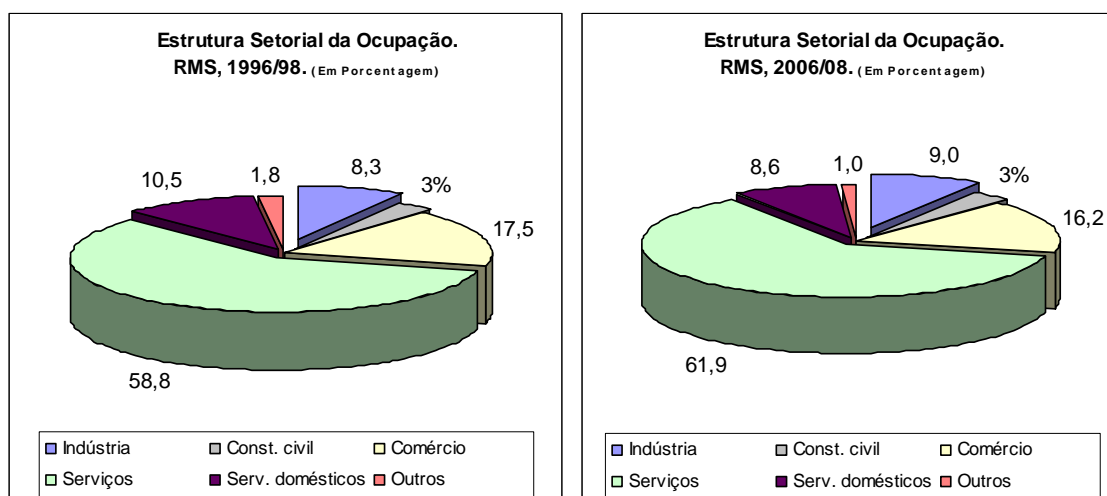
## 4 PERFIL DA FORÇA DE TRABALHO INDUSTRIAL EM 2006-2008

Seguindo a estrutura do capítulo anterior, será levantado aqui o perfil da força de trabalho na indústria da RMS, no período de 2006-2008. Diferentemente do capítulo 3, os dados do período 2006-2008 serão confrontados com os do período 1996-1998, e não com o total dos ocupados. Isso se deve ao caráter do trabalho, que visa estudar as alterações no mercado de trabalho industrial da RMS entre os dois períodos.

Os dados foram obtidos na Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED e coletados em dois períodos de 24 meses, sendo o primeiro iniciado em outubro de 1996, com término em setembro de 1998. O segundo começa em outubro de 2006, com término em setembro de 2008. Retratam, assim, 10 anos de (in)evolução do mercado de trabalho industrial, na RMS.

### 4.1 DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS SEGUNDO SETOR DE ATIVIDADE E POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO

No período de 10 anos foi alterada a composição setorial da economia da RMS, como pode-se observar no Gráfico 6:



**Gráfico 6 – Estrutura setorial da ocupação em 1996/98 x estrutura setorial da ocupação em 2006/08. RMS, 1996/98 e 2006/08(1).**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

Apesar de pouco afetada, a composição setorial da economia da RMS dirigiu-se para dois ramos distintos: serviços e indústria. A Tabela 8 mostra mais claramente a variação relativa em cada setor.

**Tabela 8 - Estrutura setorial da ocupação.  
RMS, 1996/98 e 2006/08<sup>1</sup>.**

Setor	(Em porcentagem)		
	1996/1998	2006/2008	Varição
Indústria	8,3	9,0	0,7
Construção civil	3,0	3,3	0,3
Comércio	17,5	16,2	-1,3
Serviços	58,8	61,9	3,1
Serviços domésticos	10,5	8,6	-1,9
Outros	1,8	1,0	-0,8

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Períodos de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

Desse modo, vêem-se avanços nos setores de serviços, com 3,1% de aumento na participação dos ocupados; indústria com 0,7% de variação positiva e construção civil com 0,3%. Em sentido contrário, reduziram a participação no total dos ocupados os setores de serviços domésticos, com variação negativa de 1,9%; comércio com menos 1,3% de participação e outros com variação negativa de menos de um por cento.

Com a ênfase no mercado de trabalho da indústria, verifica-se o aumento significativo da participação dos assalariados que agora correspondem a 83,9% dos ocupados na indústria, contra 80,3% no período anterior. Um acréscimo também nos autônomos, que passaram a representar 11,9% dos industriais.

Os dados mostram uma redução na participação dos empregadores, que somam 3,4% contra 5,6% anteriormente. Essa variação pode ser consequência da concentração do capital e do porte das novas indústrias da região, que exigem um maior investimento no fator de produção capital.

**Tabela 9 - Distribuição dos ocupados na indústria por posição na ocupação. RMS 1996/98 e 2006/08<sup>1</sup>.**

Ocupados por posição	(Em porcentagem)	
	1996/1998	2006/2008
<b>Ocupados</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
Assalariados Total	80,3	83,9
Assalariados Setor Privado	72,5	78,9
Com Carteira Assinada	56,6	68,7
Sem Carteira Assinada	15,9	10,2
Assalariados Setor Público	7,8	5,0
Autônomo	11,7	11,9
que Trabalha para Empresa	4,2	-
que Trabalha para o Público	7,5	8,9
Empregadores	5,6	3,4
Demais	2,4	0,8

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Períodos de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

(-) Amostra não permite.

O setor privado ampliou sua participação de 72,5% para 78,9%, resultado da tendência nacional de diminuição da participação do Estado na economia. Houve um avanço também na formalidade nesse mercado, com um percentual de 68,7% dos assalariados tendo sua carteira assinada, contra o índice anterior de 56,6%.

Finalizando, pode-se observar que o mercado de trabalho industrial ampliou-se em relação aos outros setores da economia, pois ficou mais estruturado no que diz respeito à valorização dos direitos do trabalhador, formalidade e na participação do setor privado, que se ampliou. Entretanto, nota-se também uma redução no percentual de empregadores, apontando uma maior concentração do capital para investimentos no setor.

## 4.2 CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DOS OCUPADOS NA INDÚSTRIA EM 2006-2008

Comparando os períodos analisados, com ênfase somente nos ocupados na indústria, pode-se traçar considerações específicas acerca da evolução, ou não, do mercado de trabalho industrial.

**Tabela 10 - Características pessoais dos ocupados na indústria.  
RMS, 1996-98 / 2006-08<sup>1</sup>.**

Característica pessoal		(Em percentagem)	
		Indústria 1996-98	Indústria 2006-08
<b>Sexo</b>	Masculino	75,2	70,8
	Feminino	24,8	29,2
<b>Cor ou raça<sup>2</sup></b>	Não-negra	19,2	14,6
	Negra	80,8	85,4
<b>Idade</b>	10 a 17	4,8	-
	18 a 24	22,1	19,7
	25 a 39	45,1	46,4
	40 a 59	26,4	31,1
	60 e mais	1,6	1,9
<b>Escolaridade</b>	Analfabetos	2,8	-
	Ensino Fundamental Incompleto	40,6	21,0
	Ensino Fundamental completo	18,1	16,2
	Ensino Médio incompleto	31,3	53,0
	Ensino Médio completo	7,2	8,9
	Ensino Superior incompleto		
	Ensino Superior completo		
<b>Posição no domicílio</b>	Chefe	51,0	49,9
	Cônjuge	11,3	14,0
	Filho	28,8	27,9
	Outras	9,0	8,2
<b>Tempo de residência</b>	Até 3 anos	6,3	6,9
	Mais de 3 anos	93,7	93,1

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

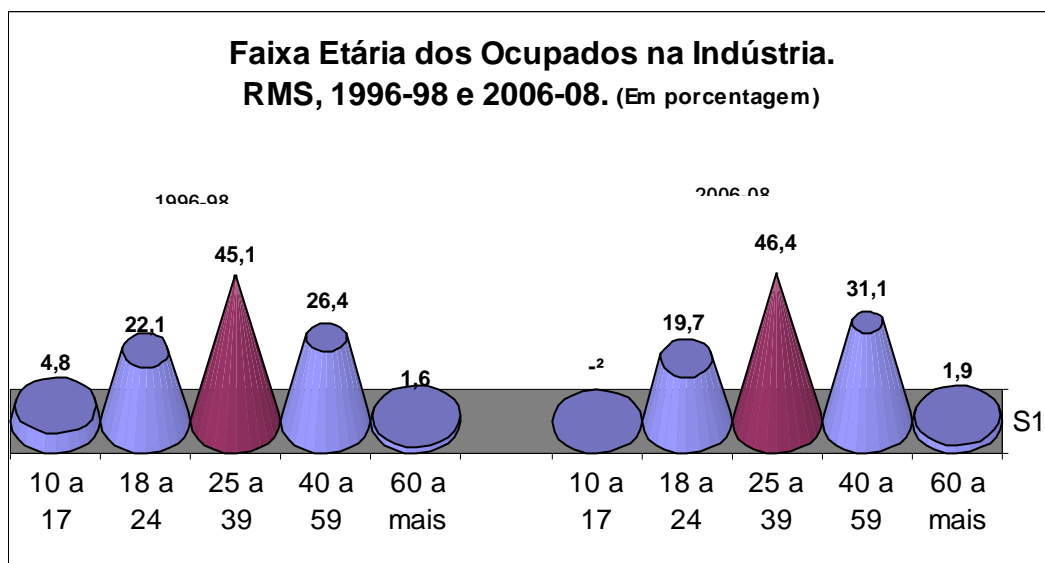
Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e período de outubro de 2006 a setembro de 2008.

(2) Não-negros corresponde à soma de brancos e amarelos e negros à de pretos e pardos.

(-) Amostra não permite.

Em relação ao gênero, nota-se uma evolução interessante, com ênfase na participação das mulheres nesse mercado de trabalho. Apesar de ainda não atingirem nem 30% dos ocupados na indústria, houve um avanço de 24,8% para 29,2%. Ou seja, foram necessários dez anos para as mulheres avançarem 4,4% na participação do setor. Esse avanço é significativo, mas indica uma resistência ao sexo feminino nesse mercado.

Houve um aumento significativo da participação da cor ou raça negra nesse mercado, cuja participação ficou em 85,4% dos ocupados na indústria, contra 80,8% anteriormente.



**Gráfico 7 – Faixa etária dos ocupados na indústria. RMS, 1996/98 e 2006/2008<sup>(1)</sup>.**

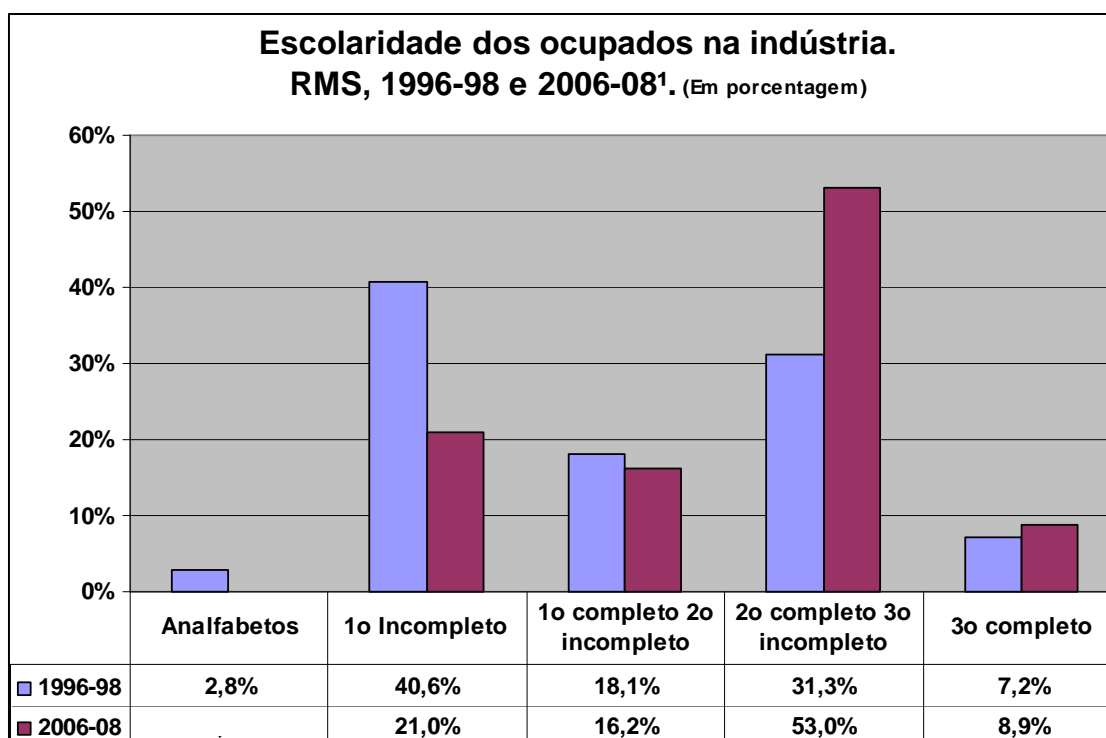
**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: 1. Períodos de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

2. Amostra não permite.

A faixa etária da força de trabalho industrial concentrou-se predominantemente entre 25 e 59 anos, o que corresponde agora a 77,5% da força de trabalho da indústria frente a 71,5% no período anterior. Outro dado interessante é a forte queda dos trabalhadores entre 10 e 17 anos, que atingiam 4,8% dos industriais e agora nem constam nos dados. Aqueles com mais de 60 anos aumentaram 0,3% e representam 1,9% dos trabalhadores industriais.

A indústria se tornou mais exigente com o nível de escolaridade dos seus funcionários. Essa é uma tendência global de valorização do conhecimento na busca dos melhores empregados.



**Gráfico 8 – Escolaridade dos ocupados na indústria. RMS, 1996/98 e 2006/08.**

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs.: 1. Períodos de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

2. Amostra não permite.

No caso da indústria da RMS, houve avanços nos níveis do ensino médio e superior. A participação dos ocupados na indústria com o ensino médio completo e ensino superior incompleto somam 53% frente a 31,3% em 1996-98. Aqueles com ensino superior já respondem por 8,9% da força de trabalho industrial contra 7,2% anteriormente.

Desse modo, com a melhoria na qualificação, somente 37,2% dos ocupados da indústria não possuem o ensino médio, enquanto esse percentual ficava em 61,5% anteriormente. Os analfabetos não conseguem competir no mercado de trabalho industrial e não somaram uma amostra significativa na pesquisa.

Quanto à posição no domicílio, destaca-se a maior participação dos cônjuges nesse mercado de trabalho, passando a representar 14% frente a 11,3% anteriormente. As outras posições se comportaram de maneira semelhante nos dois períodos pesquisados, com uma pequena redução dos chefes de 51% para 49,9% e dos filhos de 28,8% para 27,9.

O tempo de residência, que define a característica migratória da força de trabalho, não apresentou variações significativas. A variação ficou em menos de um ponto percentual e mostra que aproximadamente 7% dos ocupados na indústria residem na região há menos de três anos, representando migrantes. O restante, 93% aproximadamente, já reside por período superior a três anos na RMS.

Em suma, pode-se verificar que nesse segundo recorte temporal, 2006-2008, a força de trabalho industrial da RMS apresentou uma redução de discriminação de gênero, com o aumento da participação feminina, e uma maior participação dos negros nesse mercado. Apresentou ainda um afinilamento da faixa etária entre 25 e 59 anos e uma maior exigência de qualificação dos ocupados na indústria, onde os analfabetos não conseguem mais competir.

**Tabela 11 - Distribuição dos ocupados na indústria por sexo.  
RMS, 1996-98 2006-08<sup>1</sup>**

Setor	1996/98	2006/08	(Em porcentagem)			
			1996/98		2006/08	
			Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Metal-Mecânica	15,4	20,5	94,0	-	84,5	15,5
Química, Farmacêutica e Plásticos	17,8	16,3	82,6	17,4	81,8	18,2
Petroquímica	11,4	12,2	87,8	-	82,0	18,0
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido	10,6	7,9	33,9	66,1	-	62,9
Alimentação	16,5	14,6	73,5	26,5	70,4	29,6
Gráficas e Editoras	6,9	4,8	75,4	-	71,9	-
Outras indústrias	21,5	23,7	80,5	19,5	69,0	31,0
Total	100,0	100,0	77,3	22,7	73,7	26,3

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998.

(-) amostra não permite

A distribuição dos ocupados na indústria sofreu alterações significativas, o que resulta das mudanças na sua composição setorial. Com a atração da planta da *Ford*, com o projeto *Amazon*, e de outros empreendimentos de grande porte no decorrer desse período, já se esperavam variações nesse indicador.

No setor de metal-mecânica, observa-se um avanço significativo na participação dos ocupados na indústria. Com o início das atividades da *Ford* e de seus fornecedores, esse setor passou de 15,4% dos ocupados para 20,5% dos ocupados da indústria, uma variação de 5,1%. Esse avanço fez o setor de metal-mecânica passar de terceiro setor em números de ocupados para o primeiro setor da indústria em números de empregos gerados.



O setor de química, farmacêutica e plásticos apresentou uma redução na participação dos ocupados do setor de 17,8% para 16,3%. Esse setor é muito influenciado por revoluções tecnológicas em sua cadeia produtiva, por isso apresenta uma tendência global de redução do número de empregados em sua produção. Entretanto, os dados não permitem afirmar que houve redução nos postos de trabalho do setor, somente que sua fatia na participação dos ocupados na indústria na RMS diminuiu.

O terceiro setor em número de ocupados passou a ser o de Alimentação, com 14,6% dos ocupados, contra 16,5% anteriormente. Uma variação negativa de 1,9%.

O setor de petroquímica aumentou sua participação. Passou a responder por 12,2% dos ocupados na indústria contra 11,4% no período anterior. Esse avanço de 0,8% não modificou a posição do setor no número de ocupados, mantendo a quarta posição em geração de emprego na indústria.

Os setores têxtil, vestuário, calçados e artefatos de tecido e de gráficas e editoras reduziram sua participação no total de ocupados na indústria. Em ambos os casos houve uma diminuição considerável de mais de dois pontos percentuais. O setor de têxtil reduziu sua participação de 10,6% para 7,9% e o de gráficas e editoras de 6,9% para 4,8%, ou seja, uma variação negativa de 2,7% e de 2,1% respectivamente.

A análise de gênero por setor da indústria mostra o avanço da participação feminina na indústria da RMS. Em todos os setores houve uma participação maior das mulheres no mercado de trabalho, com exceção do setor têxtil que apresentou uma redução da participação feminina, passando de 66,1% para 62,9%. O setor têxtil, outras indústrias e de alimentação são os únicos que apresentam uma participação feminina acima da média do setor que ficou no novo recorte em 26,3% contra 22,7% anteriormente. Esses setores possuem 62,9%, 31% e 29,6% de participação feminina nos ocupados respectivamente.

Destaque para o setor de metal-mecânica, que apresenta no novo período 15,5% dos ocupados do sexo feminino.

**Tabela 12 - Distribuição dos ocupados na indústria por cor ou raça<sup>1</sup>.  
RMS, 1996-98 e 2006-08<sup>2</sup>.**

Setor	(Em porcentagem)			
	1996/98		2006/08	
	Não-negra	Negra	Não-negra	Negra
Metal-Mecânica	-	84,5	16,3	83,7
Química, Farmacêutica e Plásticos	24,2	75,8	17,8	82,2
Petroquímica	27,5	72,5	-	76,7
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido	-	76,1	-	83,9
Alimentação	20,1	79,9	-	87,7
Gráficas e Editoras	-	76,0	-	83,3
Outras indústrias	15,4	84,6	-	87,0
Total	20,6	79,4	16,0	84,0

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Não-negros corresponde à soma de brancos e amarelos e negros à de pretos e pardos.

(2) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e de outubro de 2006 a setembro de 2008.

Em relação à raça ou cor, os negros aumentaram sua participação nesse mercado de trabalho de forma significativa, passando de 79,4% para 84% dos ocupados no setor. A análise por setor da indústria mostra que o setor de metal-mecânica foi o único a apresentar uma pequena redução da participação dos negros entre os ocupados, passando de 84,5% para 83,7%. Nos outros setores houve um aumento dos negros entre os ocupados, com destaque para o setor de alimentação, que tem 87,7% dos ocupados da raça ou cor negra.

#### 4.3 DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS POR SETOR DE ATIVIDADE, SEGUNDO O NÚMERO DE EMPREGADOS E POR SETOR DA INDÚSTRIA

Apesar das respostas serem baseadas no depoimento dos entrevistados, sem uma quantificação exata, os dados desta pesquisa permitem algumas conclusões a respeito da ocupação no que se refere ao tamanho das empresas, medido pelo número de empregados.

**Tabela 13 - Distribuição dos ocupados por setor de atividade segundo o número de empregados<sup>1</sup>.  
RMS, 1996/98 e 2006/08<sup>2</sup>**

(Em porcentagem)

Setor	1996/98						2006/08					
	Até 5	6 a 49	50 a 99	100 a 499	500 e +	Total	Até 5	6 a 49	50 a 99	100 a 499	500 e +	Total
Indústria	28,3	24,2	8,0	20,0	19,6	100	20,7	20,4	6,8	18,9	33,2	100
Construção civil	20,3	26,8	15,6	22,3	15,0	100	20,3	14,9	12,0	28,5	24,4	100
Comércio	63,1	20,8	4,0	5,8	6,4	100	55,2	23,7	4,4	6,7	10,0	100
Serviços	57,8	20,7	4,1	7,6	9,8	100	47,9	20,7	4,7	9,3	17,4	100
Serviços domésticos <sup>3</sup>												
Outros	88,2	-	-	-	-	100	82,7	-	-	-	-	100
Total	55,8	20,9	4,7	8,7	9,9	100	46,1	20,9	5,1	10,3	17,6	100

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Apenas os que declararam o número de empregados na empresa.

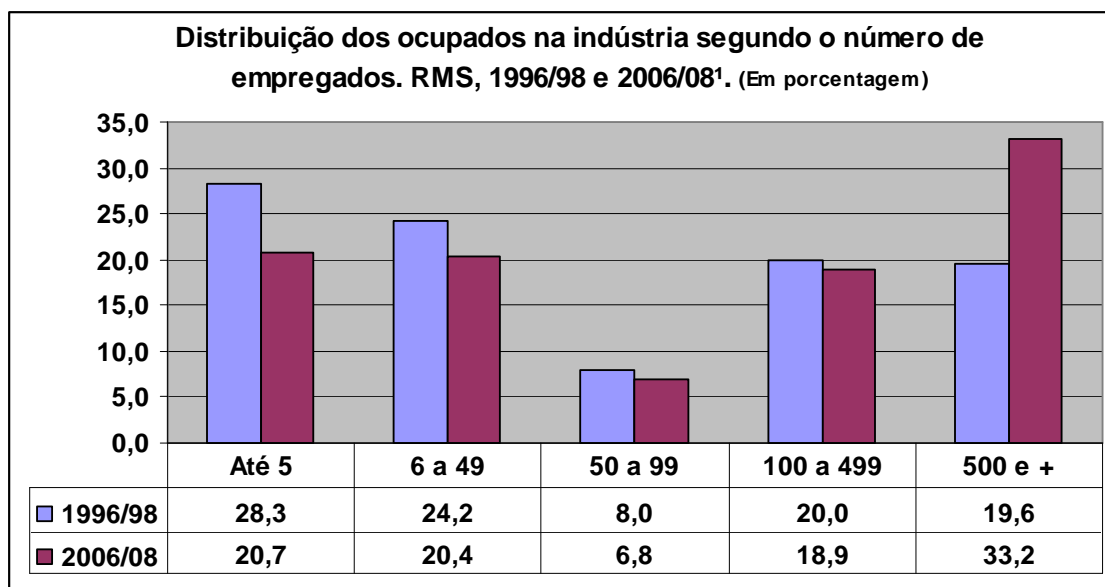
(2) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008 .

(3) Não se aplica ao trabalho doméstico.

Na distribuição dos ocupados por setor de atividade segundo o número de empregados, observam-se variações mais significativas nos extremos, ou seja, nas empresas com menos de 5 empregados e nas empresas com mais de 500 funcionários. No período de 10 anos, vê-se que a participação das empresas com menos de 5 empregados reduziu-se de 55,8% do total para 46,1%.

As empresas com força de trabalho entre 6 e 49 ocupados mantiveram-se com o mesmo percentual de 20,9%. Houve um pequeno aumento na participação das empresas com 50 a 99 empregados, passando a representar 5,1% contra 4,7% no período anterior. Porém, os aumentos mais expressivos se deram nas empresas de maior porte. As empresas com 100 a 499 funcionários passaram a representar 10,3% contra 8,7% anteriormente, uma variação positiva de 1,6%. Já as grandes empresas com mais de 500 funcionários aumentaram sua participação em 7,7 pontos percentuais, passando de 9,9% para 17,6% das empresas na RMS.

Mais especificamente na indústria, conforme Gráfico 9, nota-se que a participação das classes extremas foi a mais afetada. Entretanto, a concentração dos ocupados nas grandes empresas foi muito mais evidente nesse setor, passando aquelas com mais de 500 empregados a representar 33,2% da força de trabalho industrial, contra 19,6% no período anterior, uma forte variação positiva de 13,6 pontos percentuais.



**Gráfico 9 – Distribuição dos ocupados na indústria segundo o número de empregados. RMS, 1996/98 e 2006/08.**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEL, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs.: 1. Períodos de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

Esse aumento na participação das indústrias com mais de 500 empregados foi possível devido à diminuição da participação de todas as outras classes. A das empresas com menos de 5 empregados foi a mais afetada, passando a representar 20,7% dos ocupados da indústria contra 28,3% do período anterior. Uma variação negativa de 7,6 pontos percentuais. Essa tendência se observa também nas indústrias com 6 a 49 funcionários, que reduziram sua participação para 20,4%; nas indústrias com 50 a 99 ocupados, que passaram de 8% para 6,8%. A menor variação negativa foi nas empresas com 100 a 499 funcionários que passaram a representar 18,9% contra 20% anteriormente.

Em suma, as médias e grandes empresas, com mais de 100 funcionários, que representam a soma das categorias com 100 a 499 empregados e a com 500 e mais, passam a representar mais da metade das indústrias da RMS, com 52,1% dos ocupados, contra 39,6% do período anterior. Essa tendência é derivada das políticas públicas de atração de grandes empreendimentos para a região via diversos incentivos ou até isenções fiscais.

Desse modo, fica evidenciado o fortalecimento da indústria na RMS, que conta agora com mais da metade de suas indústrias com grande competitividade.

#### 4.4 INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO NA RMS, COM ENFOQUE NA INDÚSTRIA

O tamanho da jornada de trabalho é muito importante para se determinar o grau de exploração do trabalhador. No Brasil, a legislação determina uma jornada máxima de 44 horas semanais.

Nesta seção, pretende-se verificar as características da jornada de trabalho dentro da RMS, analisando-se suas variações em dois períodos de tempo distintos, com enfoque no mercado de trabalho da indústria.

(Em horas)

Setor	Jornada de trabalho média	
	1996/98	2006/08
Indústria	42,6	42,1
Construção civil	44,7	42,9
Comércio	43,7	43,4
Serviços	38,0	38,6
Serviços domésticos	47,8	41,1
Outros	32,6	38,4
Total	40,5	40,0

**Quadro 9 – Jornada média de trabalho semanal por setor. RMS, 1996/98 e 2006/08<sup>1</sup>.**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.  
Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008 .

Em relação ao conjunto da economia metropolitana, observa-se uma tendência de redução da jornada de trabalho. Os serviços domésticos mostram uma redução substancial, com favorecimento para essa classe de trabalhadores. Sua jornada passou de uma média de 47,8 horas por semana para 41,1 horas de trabalho semanais. Assim, deixa de ser o de maior jornada para ocupar o quarto lugar.

Assumindo a colocação ocupado pelos serviços domésticos, o setor com a maior média de horas trabalhadas por semana passou a ser o comércio, apesar de reduzir sua jornada de trabalho para 43,4 horas semanais contra 43,7 anteriormente. Em seguida, surge o setor de construção civil, que também reduziu sua jornada média, para 42,9 horas semanais.

A indústria seguiu a tendência do indicador e variou negativamente, passando a oferecer aos trabalhadores uma jornada média de 42,1 horas semanais, contra 42,6 anteriormente. Essa pequena redução na casa dos décimos, fez com que a indústria passasse a representar a terceira maior média de jornada de trabalho, quando anteriormente ocupava a quarta colocação.

O setor de serviços foi na contra-mão da tendência dos setores, e apresentou um aumento em sua jornada média de trabalho, que passou a ser de 38,6 horas semanais, frente a 38 horas anteriormente. Este e o setor outros foram os únicos a aumentarem suas jornadas médias, sendo que o setor outros passou a ter uma jornada média de 38,4 horas por semana contra 32,6 anteriormente.

Portanto, verifica-se uma tendência de redução nas jornadas de trabalho na RMS, com a média geral dos setores reduzindo meia hora por semana, quantificando 40 horas de trabalho por semana.

Em relação ao gênero, observa-se que a redução da média de horas trabalhadas por semana se deu essencialmente quanto ao masculino. As mulheres passaram a trabalhar mais tempo.

(Em horas)

Setor	1996/98		2006/08	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Indústria	43,6	38,8	43,2	39,1
Construção civil	45,3	36,9	43,3	38,2
Comércio	47,6	38,5	47,3	38,9
Serviços	42,2	32,4	41,8	34,6
Serviços domésticos	51,9	47,5	45,5	40,8
Outros	34,9	27,6	39,4	36,1
Total	43,5	28,3	43,0	36,6

**Quadro 10 – Jornada média de trabalho semanal por setor segundo o sexo. RMS, 1996/98 e 2006/08<sup>1</sup>.**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008 .

Analisando o Quadro 10, verifica-se que a jornada média dos homens diminuiu em todos os setores, com exceção do setor outros, que passou de 34,9 horas semanais para 39,4. Enquanto

no sexo feminino aconteceu o inverso, todos os setores apresentam um aumento na jornada média de trabalho, com exceção do setor de serviços domésticos, que reduziu a jornada de 47,5 horas por semana para 40,8 horas semanais, enquadrando-se assim na jornada legal.

Destaca-se novamente o setor de serviços domésticos, que apresentava jornadas bem acima do limite legal determinado pelo governo: 51,9 e 47,5 horas por semana. Houve redução para 45,5 e 40,8, respectivamente para homens e mulheres.

A média total dos setores nesses dois recortes temporais evidencia bem a realidade dos dados. A redução na média das jornadas é reflexo da redução na jornada de trabalho masculina, pois a feminina aumentou e indica uma maior participação das mulheres no mercado de trabalho da RMS. A média da jornada masculina passou de 43,5 horas por semana para 43 horas semanais, enquanto as mulheres aumentaram sua média de horas trabalhadas por semana para 36,6 contra 28,3 horas semanais no período anterior.

Setor	(Em horas)			
	1996/98		2006/08	
	Não-negro	Negro	Não-negro	Negro
Indústria	42,4	42,6	40,0	42,5
Construção civil	42,4	45,0	41,5	43,1
Comércio	44,4	43,5	43,3	43,4
Serviços	36,5	38,4	37,2	38,8
Serviços domésticos	49,1	47,6	43,7	41,0
Outros	39,1	31,7	38,1	38,5
Total	39,2	40,8	38,7	40,2

**Quadro 11 – Jornada média de trabalho semanal por setor segundo a cor ou raça. RMS, 1996/98 e 2006/08<sup>1</sup>.**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

Em relação à raça ou cor os dados respondem conforme a tendência inicial de redução da jornada de trabalho. Os não-negros diminuíram suas jornadas de trabalho em todos os setores, exceto no setor de serviços, que apresenta uma jornada de 37,2 horas por semana contra 36,5 no período anterior.

Os negros também reduziram suas jornadas na maioria dos setores. Excetuam-se os setores de serviços, com uma jornada de 38,8 contra 38,4 anteriormente, e o setor outros, que apresenta uma jornada de 38,5 contra 31,7 no período anterior.

Entretanto, o fato mais significativo é que os negros continuam a trabalhar mais tempo que os não-negros, sendo a jornada de trabalho negra em média 40,2 horas semanais contra 38,7 horas dos não-negros. Assim, os negros trabalham em média uma hora e meia a mais por semana que os não-negros.

Setor	(Em horas)	
	1996/98	2006/08
Metal-Mecânica	43,8	41,8
Química, Farmacêutica e Plásticos	41,0	40,8
Petroquímica	40,9	39,5
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido	41,1	42,3
Alimentação	47,7	46,5
Gráficas e Editoras	39,0	40,4
Outras indústrias	41,7	42,0
Total	42,6	42,1

**Quadro 12 – Jornada média de trabalho semanal por setor da indústria. RMS, 1996/98 e 2006/08<sup>1</sup>.**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

Verificando a jornada de trabalho por setor da indústria, também se observa uma tendência de redução. O setor de alimentação é o que possui a maior jornada na indústria. Mesmo reduzindo de 47,7 horas semanais para 46,5 continua como o único setor da indústria acima da jornada legal, mantendo-se como maior jornada do setor nesse recorte temporal. Em seguida, surge o setor de têxtil, que aumentou sua jornada média de trabalho de 41,1 para 42,3 horas semanais, passando da quarta maior jornada do setor para a segunda.

A terceira maior jornada é do setor outras indústrias, com uma jornada média de 42 horas por semana. Em seguida, aparece o setor de metal-mecânica, com forte redução em sua jornada média, passando de 43,8 para 41,8 horas por semana. Da segunda maior jornada do setor passou para quarta, com uma redução de 2 horas de trabalho por semana. O setor de química, farmacêutica e plástico teve uma leve redução em sua jornada média, passando a 40,8 horas semanais.



Finalizando esta análise, o setor de gráfica e editoras passou de 39 para 40,4 horas por semana de trabalho. A petroquímica, mesmo sendo o setor de maior renda média, conforme dados da seção 3.5, apresenta nesse segundo recorte temporal a menor jornada média de trabalho, passando a 39,5 horas de trabalho por semana. A média para o conjunto da indústria reduziu de 42,6 para 42,1 horas trabalhadas por semana.

Desse modo, percebe-se uma tendência de redução da jornada de trabalho no conjunto da economia da RMS, com algumas exceções. A indústria acompanhou essa tendência. Entretanto, tal redução se deu fundamentalmente no gênero masculino, pois as mulheres aumentaram em média sua jornada semanal de trabalho, aproximando-se mais da jornada de trabalho masculina. Observou-se também que a jornada de trabalho dos negros diminuiu em menor ritmo que a não-negros. Nos setores da indústria também houve a tendência de redução na jornada média de trabalho, sobretudo nos setores mais estruturados e de grandes empresas, como o metal-mecânica, química e petroquímica. Setores de empresas menores apresentam um aumento em sua jornada média, como os setores têxtil, gráficas e outras indústrias.

#### 4.5 INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO DOS RENDIMENTOS NA RMS, COM ENFOQUE NA INDÚSTRIA

Nesta seção analisa-se a forma de variação dos rendimentos dos ocupados na RMS, com enfoque nos setores da indústria.

(Em R\$1,00 de agosto de 2008)

Setor	Rendimento	
	1996/98	2006/2008
Indústria	1.564	1.172

Construção civil	1.156	934
Comércio	853	677
Serviços	1.127	986
Serviços domésticos	246	319
Outros	542	550
Total	1.009	884

**Quadro 13 – Rendimento real médio dos ocupados por setor de atividade. RMS, 1996/98 e 2006/08<sup>1</sup>.**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

(1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

**Nota:** Excluídos os assalariados que não tiveram remuneração no mês. Inflator utilizado: IPC da SEI.

Para o conjunto de setores da economia, os dados mostram uma realidade interessante. Enquanto as maiores remunerações perderam poder de compra, com redução dos rendimentos médios reais, as duas menores remunerações aumentaram seus rendimentos médios reais.

Conforme Quadro 13, os setores de indústria, construção civil, serviços e comércio que tinham seus rendimentos médios entre R\$ 1.564 e R\$ 853, indústria e comércio respectivamente, diminuíram significativamente seus rendimentos no segundo período, variando suas remunerações reais médias entre R\$ 1.172 e R\$ 677, novamente indústria e comércio.

Na contra-mão desta tendência, os setores de serviços domésticos e outros detêm os menores rendimentos da economia da RMS. Esses setores passaram de uma remuneração média de R\$ 542 e R\$ 246 para R\$ 550 e R\$ 319, outros e serviços domésticos respectivamente. São os únicos setores com aumentos acima da inflação do período. Isso é consequência, em grande parte, de políticas nacionais de valorização do salário mínimo acima da inflação.

No âmbito da indústria, a análise por setor industrial também sugere uma grande variação de valores a depender do ramo da empresa.

(Em R\$1,00 de agosto de 2008)

Setor	1996/98	2006/08	Varição <sup>2</sup> %

Metal-Mecânica	1.376	1.221	-11,29
Química, Farmacêutica e Plásticos	2.246	1.394	-37,94
Petroquímica	3.591	2.695	-24,94
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido	855	768	-10,14
Alimentação	1.028	836	-18,64
Gráficas e Editoras	1.353	1.011	-25,29
Outras indústrias	899	719	-20,00
Total	1.564	1.172	-25,03

**Quadro 14 – Rendimento real médio do trabalho por setor da indústria. RMS, 1996/98 e 2006/08<sup>1</sup>.**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

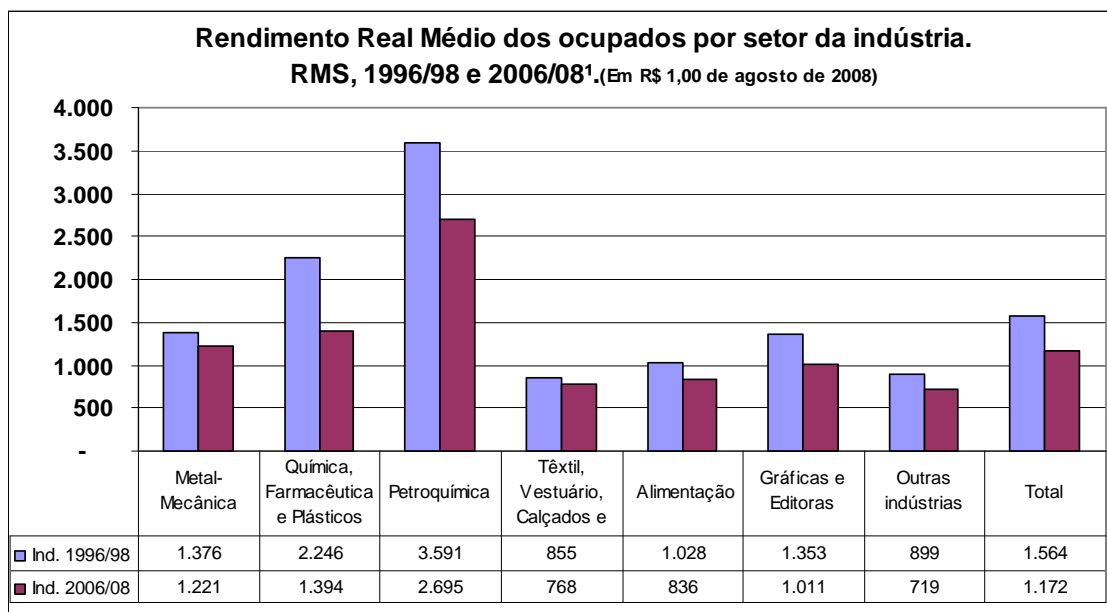
(2) Cálculo da variação:  $((\text{valor}2006-08*100)/\text{valor}1996-98)-100$

Nota: Excluídos os assalariados que não tiveram remuneração no mês. Inflator utilizado: IPC da SEI.

Todos os ramos da indústria seguiram a tendência de perda de poder de compra mostrada na análise por setor da economia metropolitana de Salvador. Na indústria essa perda chegou a 25,03% para o conjunto do setor. Ou seja, os industriários recebem no segundo período cerca de 75% do valor do período de 1996/98.

Sofreram a maior perda nos rendimentos médios reais o setor de química, farmacêutica e plásticos, e o de gráficas e editoras. Perderam 37,94% e 25,29% respectivamente, ambos acima da perda média do conjunto da indústria. O setor de petroquímica perdeu aproximadamente 25% de sua remuneração média real, o que representa R\$ 869 por mês, mas se manteve como o ramo de maior remuneração na indústria.

Pode-se observar uma tendência ou coincidência interessante nos dados. Os setores com menores remunerações foram os que sofreram menores perdas de rendimentos na indústria, assim como para o conjunto da economia da RMS. É o caso de setor têxtil, com redução em seu poder de compra na ordem de 10%. Passa de uma média de R\$ 855 para R\$ 768 de rendimento mensal, mantendo-se como o setor destacado com menor remuneração dentro da indústria.



**Gráfico 10 – Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria. RMS, 1996/98 e 2006/08.**

**FONTE:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

Nota: Excluídos os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

Inflator utilizado: IPC da SEI.

Em relação ao gênero, por ramo da indústria, nota-se uma aproximação da remuneração dos homens e das mulheres. Acontece mesmo, em alguns setores, uma diminuição do rendimento real médio dos homens contra um aumento do rendimento real médio das mulheres, como nos setores de metal-mecânica e têxtil.

Para análise dos rendimentos por sexo, vai-se utilizar a coluna de diferença percentual (%), presente no Quadro 15, que mostra a parcela relativa do rendimento masculino recebido pelas mulheres. Observa-se que em todos os setores da indústria esse percentual aumentou em relação ao período anterior, entretanto, as mulheres passaram a trabalhar mais, enquanto os homens reduziram sua jornada média de trabalho.

(Em R\$1,00 de agosto de 2008)

Setor	1996-98		2006/08		Diferença % <sup>2</sup>	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	1996/98	2006/08
Metal-Mecânica	1.393	1.113	1.235	1.149	79,9	93,1
Química, Farmacêutica e Plásticos	2.398	1.521	1.455	1.141	63,4	78,4
Petroquímica	3.738	2.592	2.759	2.434	69,3	88,2
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido	1.392	576	1.001	637	41,4	63,6
Alimentação	1.136	730	911	668	64,3	73,4
Gráficas e Editoras	1.413	1.178	1.012	1.007	83,3	99,5
Outras indústrias	976	579	800	554	59,3	69,2
Total	1.754	927	1.285	884	52,8	68,8

**Quadro 15 - Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria segundo o sexo. RMS, 1996/98 e 2006/08<sup>1</sup>.**

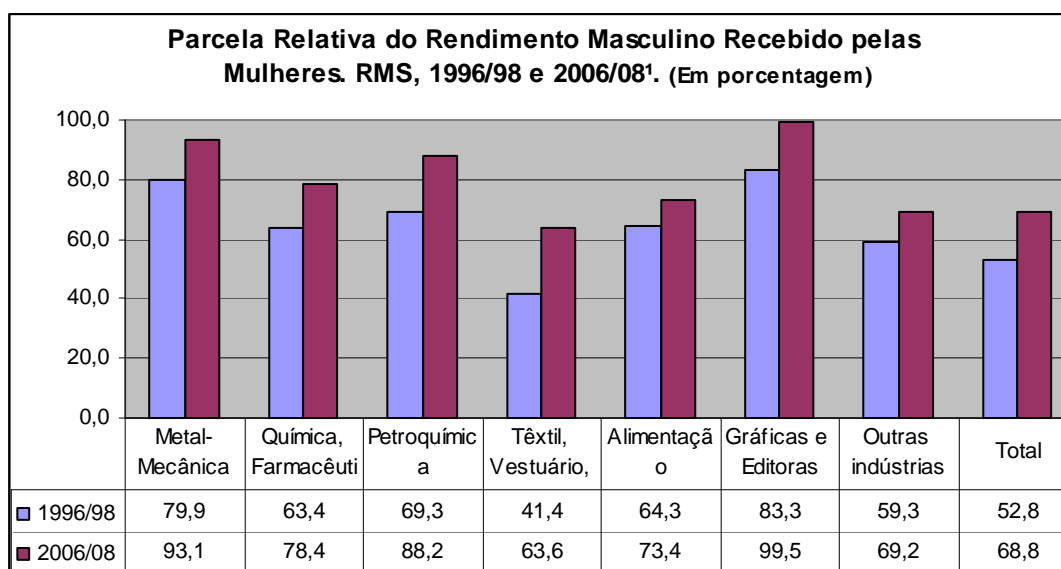
FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

(1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

(2) Parcela relativa do rendimento masculino recebido pelas mulheres.

Nota: Exclui os assalariados que não tiveram remuneração no mês. Inflator utilizado: IPC da SEI.

Desse modo, apesar das remunerações terem se aproximado em todos os ramos, chegando as mulheres a receber 99,5% da remuneração dos homens no setor de gráficas e editoras, foram necessários 10 anos para essa aproximação. E mesmo após esse recorte temporal, no setor de têxtil, com maioria feminina, as mulheres recebem somente 63,6% da remuneração masculina. Na indústria como um todo, essa diferença passou de 52,8% para 68,8%, ou seja, no segundo período as mulheres recebem em média uma remuneração que equivale a aproximadamente 70% do salário dos homens, mas trabalham uma jornada que equivale a 90,5% da jornada média masculina.



**Gráfico 11 – Parcela relativa do rendimento masculino recebido pelas mulheres. RMS, 1996/98 e 2006/08.**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

Nota: Exclui os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

Inflator utilizado: IPC da SEI.

Na análise por raça ou cor, há um avanço menor no sentido de aproximação dos rendimentos dessas duas categorias, não-negros e negros, conforme Quadro 16.

(Em R\$1,00 de agosto de 2008)

Setor	1996-98		2006/08		Diferença % <sup>2</sup>	
	Não-negra	Negra	Não-negra	Negra	1996/98	2006/08
Metal-Mecânica	2.443	1.197	1.960	1.065	49,0	54,3
Química, Farmacêutica e Plásticos	3.679	1.817	2.146	1.241	49,4	57,8
Petroquímica	4.357	3.303	3.113	2.567	75,8	82,5
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido	1.411	700	1.173	695	49,6	59,3
Alimentação	1.919	819	1.354	765	42,7	56,5
Gráficas e Editoras	1.740	1.234	1.408	926	70,9	65,8
Outras indústrias	1.466	795	990	679	54,2	68,6
Total	2.569	1.315	1.811	1.051	51,2	58,1

**Quadro 16 - Rendimento real médio dos ocupados por setor de atividade segundo a cor ou raça. RMS, 1996/98 e 2006/08<sup>1</sup>.**

**Fonte:** PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

(1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

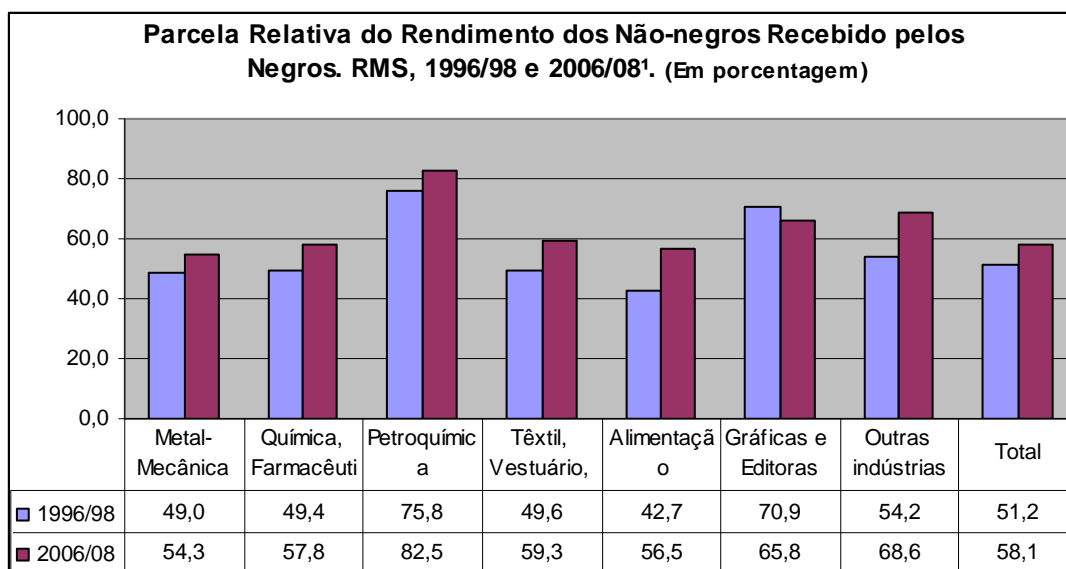
(2) Parcela relativa do rendimento dos não-negros recebida pelos negros.

**Nota:** Exclui-se os assalariados que não tiveram remuneração no mês. Inflator utilizado: IPC da SEI.

Os rendimentos reais médios dos não-negros e negros reduziram-se em todos os ramos da indústria no recorte temporal de 10 anos, com uma diminuição proporcionalmente menor nos rendimentos dos negros em todos os ramos, com exceção do setor de gráficas e editoras.

Entretanto, ainda se observa uma grande diferença nesses rendimentos, com os negros recebendo aproximadamente 60% do rendimento dos não-negros, contra um percentual de aproximadamente 50% anteriormente.

Conforme o Gráfico 12, o ramo da petroquímica é onde o rendimento do negro mais se aproxima do não-negro, chegando a 82,5%. Segue-se outras indústrias, onde o negro recebe 68,6% e setor de gráficas e editoras com 65,8% do salário dos não-negros. Esses são os únicos ramos em que os negros recebem acima da média do conjunto do setor industrial, que corresponde a 58,1%.



**Gráfico 12 – Parcela relativa do rendimento dos não-negros recebida pelos negros. RMS, 1996/98 e 2006/08.**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

Nota: Exclui os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

Inflator utilizado: IPC da SEI.

Na era do conhecimento, em que a força de trabalho se tornou o principal insumo das empresas, a qualificação profissional é um fator de diferenciação na disputa dentro do mercado de trabalho. Essa diferenciação se manifesta na remuneração do indivíduo. No caso da indústria, essa variação, ao longo do período em análise, procedeu-se da seguinte forma:

(Em R\$1,00 de agosto de 2008)

Setor	Analfabetos		Fundamental Incompleto		Fund. completo Médio incompleto		Médio completo Superior incompleto		Superior completo		Total	
	1996/98	2006/08	1996/98	2006/08	1996/98	2006/08	1996/98	2006/08	1996/98	2006/08	1996/98	2006/08
Metal-Mecânica	-	-	783	686	1021	1213	1788	-	-	-	1376	1222
Química, Farmacêutica e Plásticos	-	-	783	-	-	-	2799	1270	-	-	2246	1394
Petroquímica	-	-	-	-	-	-	3475	2393	-	-	3591	2695
Têxtil, Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido	-	-	452	-	-	-	-	929	-	-	855	768
Alimentação	-	-	500	538	-	-	1697	891	-	-	1028	836
Gráficas e Editoras	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1353	1011
Outras indústrias	-	-	579	514	763	622	1353	860	-	-	899	719
Total	439	-	617	574	937	670	2272	1230	4831	3358	1564	1173

**Quadro 17 - Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria por escolaridade. RMS, 1996/98 e 2006/08<sup>1</sup>**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

(-) Amostra não permite.

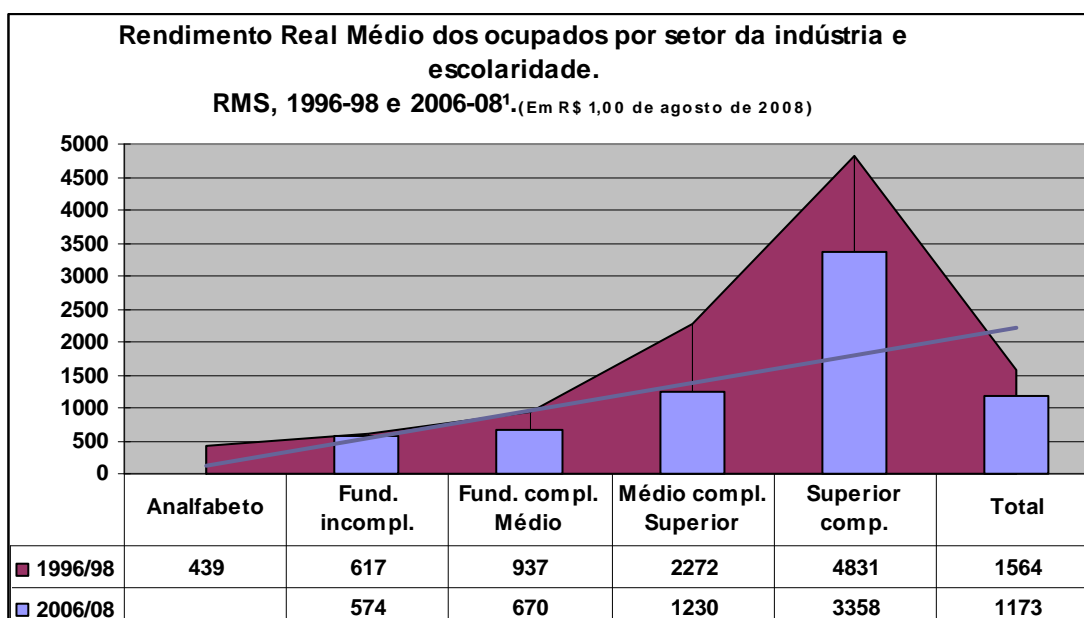
Nota: Exclui os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

Inflator utilizado: IPC da SEI.

Observa-se que a tendência de aumento do nível de remuneração e o aumento do grau de escolaridade se mantiveram diretamente proporcionais. Os analfabetos perderam espaço no mercado de trabalho industrial, não havendo amostragem suficiente de casos para ser

considerada significativa. De acordo com o segundo recorte temporal, os ocupados com ensino Fundamental incompleto ganham R\$ 547, contra R\$ 670 dos com ensino Médio incompleto, R\$ 1.230 dos com ensino Médio completo e Superior incompleto e R\$ 3.358 dos empregados com nível Superior completo. (Quadro 17).

Entretanto, quando comparados os dois períodos, verifica-se uma significativa diminuição dos rendimentos reais no segundo período. Isso representa uma perda de poder de barganha dos ocupados, no que se refere às reivindicações salariais, frente aos empregadores. Essa perda de rendimentos reais se verifica em todos os níveis de escolaridade e, conseqüentemente, na média das remunerações reais do setor, que saiu de R\$ 1.564 para R\$ 1.173. (Gráfico 13).



**Gráfico 13 – Rendimento real médio dos ocupados por setor da indústria por escolaridade. RMS, 1996/98 e 2006/08.**

FONTE: PED-RMS – Convênio SEI, SETRE, UFBA, DIEESE, SEADE, MTE/FAT.

Obs: (1) Período de outubro de 1996 a setembro de 1998 e outubro de 2006 a setembro de 2008.

(-) Amostra não permite.

Nota: Excluídos os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

Inflator utilizado: IPC da SEI.

Em suma, analisando-se os dados para o conjunto da economia, no que se refere ao rendimento real dos ocupados, houve uma tendência de redução da remuneração real dos ocupados com maior renda mensal, enquanto os setores de serviços domésticos e outras apresentam aumento em suas remunerações reais.



Sendo a indústria o setor com a maior remuneração da economia da RMS, verificou-se que todos os seus ramos sofreram redução de remunerações reais nos períodos analisados. No conjunto do setor industrial, houve perda de poder de compra de 25,03%, o que representou uma redução de R\$ 1.564 para R\$ 1.172 de remuneração real média do conjunto da indústria. Entretanto, esse percentual reduziu-se nos ramos com menor remuneração, ficando, por exemplo, em 10% para o setor de têxtil, que apresenta a menor média de remuneração entre os ramos destacados.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo uso dos microdados da PED, este trabalho teve como finalidade abordar a situação da força de trabalho ocupada na indústria e sua (in)evolução num período de 10 anos, no contexto da RMS. Essa abordagem se deu em dois momentos.

Primeiramente, no sentido de descrever a situação da força de trabalho industrial da região em comparação com os ocupados do conjunto da economia metropolitana de Salvador, nos anos de 1996 a 1998. Em seguida, estabelecidas as características da força de trabalho industrial da RMS, procedeu-se à comparação dessa força de trabalho em dois recortes temporais, mais especificamente nos períodos de 1996 a 1998 e 2006 a 2008. Assim, propõe-se indicar a (in)evolução dessa classe de trabalhadores.

Contudo, sendo um estudo com propósitos basicamente descritivos, não se devem esperar conclusões definitivas, até porque a dinâmica do mercado de trabalho industrial é afetada por choques exógenos de vários tipos, como tecnológico, de crédito (agora mais do nunca), de demanda entre outros fatores que influenciam diretamente a força de trabalho do setor. Foram destacadas algumas evoluções nesse mercado de trabalho que, apesar de lentas, pois se deram num período de 10 anos, mostram evoluções e involuções apresentadas aqui como sugestão para um aprofundamento em estudos futuros.

Em relação à distribuição dos ocupados entre os setores de atividade e à posição na ocupação, destaca-se como evoluções que o mercado de trabalho industrial se ampliou em relação aos outros setores da economia. Ficou mais estruturado no que se refere à valorização dos direitos de trabalhador, formalidade e maior participação do setor privado. Entretanto, como possível resultado da política industrial do Estado para atração de grandes investimentos, observa-se uma involução com a redução no percentual de empregadores nesse mercado.

As características pessoais dos ocupados na indústria variaram no sentido de apontar redução da discriminação de gênero, apesar das mulheres ainda não representarem nem 30% dos ocupados do setor; de aumento da participação dos negros; de um afinilamento da faixa etária dos ocupados entre 25 e 59 anos, que representam 77,5% dos ocupados no setor, e de uma maior exigência de qualificação para competir nesse mercado.

Analisando a distribuição dos ocupados na indústria, destaca-se a forte evolução do setor metal-mecânica. Tal setor passou da quarta para primeira posição em relação ao número de ocupados no mercado de trabalho da indústria. Resultado este relacionado com o início das atividades da *Ford* e de seus fornecedores que, em conjunto com as outras empresas do setor, empregam cerca de 20% da força de trabalho industrial na RMS.

Ainda no âmbito da distribuição dos ocupados, mas com enfoque no tamanho das empresas, verifica-se mais uma vez a influência das políticas de atração de grandes investimentos exercidas pelo governo do Estado. No período analisado houve uma evolução das médias e grandes indústrias, com mais de 100 funcionários, que passaram a empregar mais da metade dos ocupados do setor, quando anteriormente eram responsáveis por somente 39,6% dos empregos da indústria. As indústrias com mais de 500 funcionários mudaram de 19,6% para 33,2% dos ocupados do setor.

Os indicadores de caracterização da jornada de trabalho na RMS apontaram para resultados dignos de nota. Com algumas exceções, no âmbito da indústria, os dados indicaram uma tendência de redução da jornada de trabalho. Entretanto, essa redução se deu fundamentalmente no gênero masculino, pois as mulheres aumentaram em média sua jornada semanal de trabalho, aproximando-se da jornada masculina que teve uma tendência de redução. Em relação à análise de cor ou raça, observou-se que a jornada dos negros diminuiu em menor ritmo que a jornada dos não-negros. Desse modo, apesar de em média a jornada de trabalho semanal da indústria reduzir, as mulheres aumentaram sua jornada média e os negros reduziram sua jornada em menor ritmo.

No que se refere à caracterização dos rendimentos da indústria na RMS, foram elaborados gráficos que evidenciam a diferenciação dos rendimentos entre homens e mulheres e entre não-negros e negros. Em relação à discriminação por gênero, verificou-se nos diversos setores da indústria uma tendência de aproximação desses valores, porém as mulheres ainda ganham menos em todos os ramos da indústria. E apesar de aumentarem, em média, sua jornada de trabalho, passando a representar 90% da jornada masculina, as mulheres recebem aproximadamente somente 70% da remuneração masculina.

Na análise por cor ou raça, houve um avanço menor no sentido de aproximação dos rendimentos dos negros aos dos não-negros em relação ao avanço dos rendimentos femininos. Os negros recebem uma remuneração em torno de 60% dos não-negros, quando recebiam em torno de 50% dos rendimentos dos não-negros anteriormente. Desse modo, no âmbito da indústria a discriminação por raça ou cor se mostra mais evidente. Pois os negros trabalham, em média, duas horas e meia a mais que os não-negros por semana, representam 84% da força de trabalho ocupada industrial e recebem somente 60% da remuneração dos não-negros.

A qualificação profissional se mostrou diretamente proporcional ao rendimento dos ocupados da indústria. Como era de se esperar, os rendimentos aumentam conforme avançaram os anos de educação do trabalhador, passando de R\$ 574 para os trabalhadores com ensino fundamental incompleto a R\$ 3.358 para os com ensino superior completo.

Ainda em relação aos rendimentos, verifica-se a involução mais desestimuladora para a força de trabalho da RMS. Apesar de afetar os principais setores da economia, a força de trabalho industrial apresentou uma forte perda de poder de compra dentro no período analisado. Essa perda ficou em 25% para o conjunto da indústria e variou entre 37,94% e 10,14%, nos setores de química e têxtil respectivamente.

Em suma, foram identificadas evoluções e involuções no mercado de trabalho industrial na RMS. Este estudo teve um caráter descritivo e fornece considerações importantes e atuais acerca deste mercado de trabalho. Sugere-se utilizar estas informações para uma análise mais aprofundada das causas que levaram às (in)evoluções levantadas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Henrique. Produtividade e Improdutividade dos Serviços na História do Pensamento Econômico. **Bahia Análise e Dados**, Salvador, n. 4, p. 05-19, março de 1997.

AZEVÊDO, José Sérgio Gabrielli. Algumas investigações sobre os ocupados na indústria da região metropolitana de Salvador. **Força de Trabalho e Emprego**, Salvador, v.9, n.1, p. 10-15, jan/abr 1992.

AZEVÊDO, José Sérgio Gabrielli. Economia e mercado de trabalho na Bahia e RMS: uma abordagem de longo prazo. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v.10, n.1, p. 49-67, jun 2000.

BARRETO, V.; SANTOS, L. Chefias femininas na RMS: a persistência das desigualdades entre negras e brancas. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v.15, n.4, p. 553-562, mar 2006.

BISPO FILHO, Leormínio; MENEZES, Wilson. Discriminação dos rendimentos por gênero na Região Metropolitana de Salvador. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v.15, n.4, p. 519-526, mar 2006.

CARVALHO, I.; ALMEIDA, P.; AZEVÊDO, J. **Reestruturação produtiva e estrutura social metropolitana em Salvador**. Disponível em: <<http://www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar>>. Acesso em: 12 de julho de 2008.

CAVALCANTE, Luiz Ricardo Mattos Teixeira. **A era da indústria: a economia baiana na segunda metade do século XX**. Salvador: FIEB, 2008. Prêmio FIEB de Economia - 2007.

CEPAL. **Boletín Económico de América Latina**. Santiago do Chile, 1962.

DARZÉ FILHO, Elias. **A problemática da verticalização com adensamento e articulação da Estrutura industrial da Bahia**. Salvador, 2002.

FERREIRA, H.; FREITAS, L.; MOTA, F. **Em direção a uma integração virtuosa: o caso da economia baiana**. Salvador, 2008.

GUERRA, O. A indústria baiana no século XXI: desafios e oportunidades. **Cadernos de Análise Regional**, v.4, n.4, maio de 2001.

MENEZES, Vladson B. O comportamento recente e os condicionantes da evolução da economia baiana. In: **TENDÊNCIAS da economia baiana**, Salvador: Seplantec, 2000, 265 p.

PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO - PED. **Boletim PED/RMS**, set. 2008.

SANTOS, Luiz Chateaubriand C. dos. Novos baianos: inserção dos migrantes no mundo do trabalho. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v.15, n.4, p. 503-518, mar 2006.

SILVA, D.; FIGUERÔA, E.; PESSOTI, G. Economia baiana mantém ritmo de crescimento e PIB registra 5,6% no primeiro trimestre de 2008. **Conjuntura e Planejamento**, n. Esp., p. 6-13, jul. 2008.

SILVA, D.; PESSOTI, G.; PEREIRA, Í.; ANDRADE, M. Análise da economia baiana, de 2002 a 2007, sob o enfoque da nova série das contas regionais do Brasil. **Conjuntura e Planejamento**, n. Esp., p. 28-53, jul. 2008.

TEIXEIRA, F.; GUERRA, O. 50 Anos da industrialização baiana: do enigma a uma dinâmica exógena e espasmódica. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v. 10, n.1, p. 87-98, jun 2000.

UDERMAN, S. A indústria de transformação na Bahia: características gerais e mudanças estruturais recentes. **Revista Desenbahia**, Salvador, v.2, n.3, set. 2005.

UDERMAN, Simone. Perspectivas industriais. In: **TENDÊNCIAS** da economia baiana, Salvador, Seplantec, 2000, 265 p.

## ANEXO A - NOTAS METODOLÓGICAS

**Plano amostral** - A pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana Salvador (PED/RMS) tem como unidade amostral o domicílio da área urbana dos 10 municípios que compõem esta região: Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre

de Deus, Salvador, São Francisco do Conde, Simões Filho e Vera Cruz. Estes municípios estão subdivididos em 17 distritos, 22 subdistritos, 165 Zonas de Informação (ZI) e 2.243 setores censitários (SC). A metodologia de sorteio produz uma amostra equiproporcional em dois estágios, sendo os setores censitários sorteados dentro de cada ZI e os domicílios dentro de cada SC. As informações de interesse da pesquisa são coletadas mensalmente através de entrevistas realizadas com os moradores de dez anos de idade ou mais, em aproximadamente 2.500 domicílios, que representam uma fração amostral de 0,35% do total de domicílios da RMS. Em alguns casos, a significância pode chegar a nível municipal.

**Médias trimestrais** - Os resultados são divulgados mensalmente e expressam médias trimestrais móveis dos indicadores produzidos. Isto significa que as informações referentes a determinado mês representam a média dos dados coletados no último mês e nos dois meses que o antecederam.

Revisão de índice - A partir de janeiro de 2007, as séries de índices das tabelas 1, 5 e 17 foram revisadas com base nas novas estimativas demográficas, obtidas através do Censo realizado pelo IBGE em 2000.

#### **Principais conceitos:**

**PIA - População em Idade Ativa:** corresponde à população com dez anos ou mais.

**PEA - População Economicamente Ativa:** parcela da PIA ocupada ou desempregada.

**Ocupados - São os indivíduos que:**

- a) possuem trabalho remunerado exercido regularmente;
- b) possuem trabalho remunerado exercido de forma irregular, desde que não estejam procurando trabalho diferente do atual. Excluem-se as pessoas que, não tendo procurado

trabalho, exerceram de forma excepcional algum trabalho nos últimos 30 dias;

c) possuem trabalho não remunerado de ajuda em negócios de parentes, ou remunerado em espécie ou benefício, sem procura de trabalho.

**Desempregados - São os indivíduos que se encontram numa das seguintes situações:**

a) desemprego aberto: pessoas que procuraram trabalho de modo efetivo nos 30 dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhum trabalho nos últimos sete dias;

b) desemprego oculto: (i) por trabalho precário: pessoas que realizam de forma irregular, ou seja, em caráter ocasional e eventual, algum trabalho remunerado (ou pessoas que realizam trabalho não remunerado em ajuda a negócios de parentes) e que procuraram mudar de trabalho nos 30 dias anteriores ao da entrevista, ou que, não tendo procurado neste período, o fizeram até 12 meses atrás; (ii) por desalento: pessoas que não possuem trabalho e nem procuraram nos últimos 30 dias, por desestímulo do mercado de trabalho ou por circunstâncias fortuitas, mas procuraram efetivamente trabalho nos últimos 12 meses.

**Inativos (maiores de 10 anos)** - Correspondem à parcela da PIA que não está ocupada ou desempregada.

**Rendimentos do trabalho** - É captado o rendimento monetário bruto (sem descontos de imposto de renda e previdência), efetivamente recebido, referente ao trabalho realizado no mês imediatamente anterior ao da pesquisa. Para os assalariados, são considerados os descontos por falta, ou acréscimos devido a horas extras, gratificações, etc. Não são computados o décimo terceiro salário e os benefícios indiretos. Para os empregadores, autônomos e demais posições, é considerada a retirada mensal.



**Principais indicadores:**

**Taxa Global de Participação<sup>1</sup>** - é a relação entre a População Economicamente Ativa e a População em Idade Ativa (PEA/PIA). Indica a proporção de pessoas com dez anos ou mais incorporadas ao mercado de trabalho, como ocupados ou desempregados.

**Taxa de Desemprego Total<sup>2</sup>** - equivale à relação Desempregados/PEA, e indica a proporção da PEA que se encontra na situação de desemprego aberto ou oculto. Todas as taxas de desemprego divulgadas, referentes a tipos específicos de desemprego (aberto ou oculto) ou a atributos pessoais selecionados, são calculadas como uma proporção da PEA.

**Rendimentos - divulga-se:**

a) rendimento médio: refere-se à média trimestral do rendimento mensal real no trabalho principal. A média trimestral é calculada a partir de valores nominais mensais, inflacionados pelo IPC/SSA (SEI/SEPLAN), até o último mês do trimestre. Os dados de rendimento, investigados em cada mês, referem-se ao mês imediatamente anterior e, portanto, têm sempre esta defasagem em relação às demais informações da pesquisa. Assim, os dados apurados no trimestre maio/julho, agora divulgados, correspondem à média do período abril/junho, a preços de junho;

b) distribuição dos rendimentos: indica os valores máximos recebidos pelos 10% e 25% mais pobres, os valores mínimos recebidos pelos 25% e 10% mais ricos, e o rendimento mediano, que divide a população entre os 50% que têm os rendimentos mais baixos e os 50% que têm rendimentos mais altos.

**Notas**

<sup>1</sup> As taxas (desemprego, participação, etc.) específicas, de acordo com atributos das pessoas (sexo, cor, idade, posição no domicílio), são calculadas como proporção do grupo de indivíduos com o mesmo atributo na PIA ou na PEA. A título de exemplo, a taxa de desemprego para os indivíduos com atributo X = desempregados com atributo X / PEA com atributo X.

<sup>2</sup> Idem.